



CRISTIANO DE CASTRO LEITE

**LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO RELATIVO AO CONHECIMENTO E
UTILIZAÇÃO DAS PLANTAS MEDICINAIS PELA POPULAÇÃO RURAL DO
MUNICÍPIO DE INCONFIDENTES – MG**

**INCONFIDENTES-MG
2014**

CRISTIANO DE CASTRO LEITE

**LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO RELATIVO AO CONHECIMENTO E
UTILIZAÇÃO DAS PLANTAS MEDICINAIS PELA POPULAÇÃO RURAL DO
MUNICÍPIO DE INCONFIDENTES – MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para Graduação Tecnológica em Gestão Ambiental no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Inconfidentes, para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão Ambiental.

Orientadora: M. Sc. Luiza Coutinho Martins

**INCONFIDENTES-MG
2014**

CRISTIANO DE CASTRO LEITE

**LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO RELATIVO AO CONHECIMENTO E
UTILIZAÇÃO DAS PLANTAS MEDICINAIS PELA POPULAÇÃO RURAL DO
MUNICÍPIO DE INCONFIDENTES – MG**

Data de aprovação: ____ de _____ 2014

M.Sc. Luiza Coutinho Martins
(Centro Pedagógico - Universidade Federal de Minas Gerais)

D.Sc. Ângelo Marcos Santos Oliveira
(IFSULDEMINAS – Câmpus Inconfidentes)

M.Sc. Constantina Dias Papparidis
(IFSULDEMINAS – Câmpus Inconfidentes)

Dedico este trabalho a Francisco Cavalcante Lima (Chico) e Maria de Lourdes Volpi (Udi) pelos sagrados conselhos e pela iniciação ao poder do reino vegetal...

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, criador de toda essa natureza exuberante, a Jesus no meu coração é o melhor amigo sempre dando forças espirituais para a continuação desta jornada. Ao Mestre Irineu e Padrinho Sebastião (*in memoriam*) sempre ensinando o caminho do amor, da verdade e da justiça. A comunidade Céu da Mantiqueira uma verdadeira escola espiritual, porto seguro nas lindas montanhas do sul de Minas.

Ao meu pai pela força financeira durante essa trajetória acadêmica em Inconfidentes e pelo “super voyage” para percorrer os bairros rurais, sem essa força na locomoção talvez não chegaria até aqui. Minha mãe que me ensina muito com sua bondade e seu amor, minha irmã por mandar o livro pelo correio e seu namorado Vinícius pelas dúvidas na informática.

E toda minha família que de alguma forma me ajudou, ensinando algo que eu ainda não sabia, mas um agradecimento muito especial para o meu tio Marcos por ter me recebido em Santa Catarina e aberto as portas de sua casa, pela paciência, conselhos de vida e ter me ensinado a ser um homem de verdade, me dando forças para concluir este trabalho, para mim um exemplo de homem trabalhador.

A tia Rose pelas deliciosas guloseimas e carinho nas marmitas, primas e primos: Lucas, por ter me emprestado o computador aos 45 do segundo tempo e a “turma do barulho”, Letícia (a estudiosa), Giovana (a sapeca), Henrique (o jogador) e a Rosa Beatriz (a brincalhona).

Agradeço ao professor Vicente Wagner Dias Cassali do Departamento de Fitotecnia da Universidade Federal de Viçosa – MG pela idéia da pesquisa e toda galera agroecológica da UFV, onde aprendi muito.

Aos taxonomistas do Departamento de Botânica da Universidade Federal de Minas Gerais pela contribuição na identificação de algumas espécies, professor João Renato Stehmann, acadêmicos Ana Carolina Fernandes e Danilo R.M. Neves.

Uma profunda gratidão e exemplo de profissionalismo na área da botânica, minha orientadora e professora Luiza que me acompanhou desde o começo desta caminhada, mesmo subindo serras de espinhos pisando em pontas agudas, sempre me ajudou e estive de

prontidão para a conclusão deste trabalho.

Ao professor Angelo por aceitar a co orientação e auxiliar e muito na parte cartográfica e a professora Constantina por também aceitar o convite. Agradecimentos mais que especiais também a todos participantes das comunidades rurais, pelos cafés, bolos, almoços e informações de localização em campo.

Ao Ricardo técnico da EMATER de Inconfidentes, pela contribuição no esboço cartográfico da zona rural do município e os profissionais da saúde por fornecer o número de famílias em cada bairro. Agradeço a todos discentes e servidores do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais – Câmpus Inconfidentes, em especial os servidores do Núcleo de Inovação Tecnológica.

A todo pessoal da incubadora de empresas, representada pela professora Adriana Daló e professor Oswaldo. Professor Felipe Moreton Cholfi e professora Erika Cren pela iniciação científica. Ao professor Felipe e professora Sindynara pela confiança no projeto Rondon, onde aprendi uma verdadeira lição de vida. Professor Laércio um verdadeiro índio branco, inspiração de conhecimento botânico e amor pela natureza. Professor Marcão pelas rodas de fogueira com astronomia. Professora Lilian pelo grande apoio no finalzinho. Professor Éder pelas dicas sobre Gestão Ambiental. Ao servidor do instituto e amigo Betão de Ouro Fino.

E também minha família de sintonia, a galera da agroecologia de Inconfidentes, Michender e toda sua família que me auxiliou para entrar no curso, Rafael (vetiver), Rafael (fofinho), Igor Corsini, Rodrigo Félix, João Marcos, Silas, Joice, Rafael (titaco), Vinicius, Paula, Tayrine, Raíssa, Rodrigo Signoretti, desculpem se esqueci o nome de alguém com certeza esta gravado na memória divina, tenho certeza que todos estão vibrando positividade para o grupo de agroecologia de Inconfidentes (UAI).

Gratidão a minha amiga e seu marido também estudante de plantas medicinais doutora Maria José Adami e José Carlos Bueno, pelo incentivo a fitoterapia. Renata da Costa Rodrigues e família, principalmente Vó Ísis pela força no estágio na prefeitura de Jacareí – SP. Ao meu amigo yogue Mario (Muni) pelas aulas de yoga e pela força em um momento bem difícil, para sempre, para sempre amigo do meu irmão!

Temos todas as ervas para extrair da natureza e não tem nenhuma que não tem um valor profundo.

Padrinho Sebastião Mota de Melo

RESUMO

O município de Inconfidentes localizado no sul de Minas Gerais com seus 23 bairros rurais constitui importante objeto de pesquisa sobre plantas com usos terapêuticos.

O objetivo deste trabalho foi investigar as espécies medicinais conhecidas, porém não utilizadas e aquelas utilizadas pela população rural de Inconfidentes, as formas de utilização pelos moradores e como transmitem estes conhecimentos relativo a flora medicinal, bem como a elaboração de um mapa com as coordenadas cartográficas de cada bairro rural. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas e aplicação de questionários com questões estruturadas e semi estruturadas com posterior coleta das plantas indicadas utilizando a técnica “*walking in the woods*”. Foram entrevistadas 114 pessoas em sua maioria homens (54%) e não foram observadas diferenças significativas quanto ao conhecimento de plantas entre os gêneros. Já a idade influenciou significativamente, demonstrando que os indivíduos com idade mais avançada são detentores de maior conhecimento. Ao todo foram citadas 101 espécies utilizadas e 67 espécies entre as conhecidas, porém não utilizadas, em sua maioria exóticas, distribuídas em 41 famílias e 30 famílias respectivamente. Dentre estas as espécies em destaque foram *Mentha sp.*; *Foeniculum vulgare Mill.*; *Cymbopogon citratus (DC.) Stapf*. As famílias botânicas mais citadas foram Asteraceae e Lamiaceae para ambos os casos. Classificando as enfermidades tratadas de acordo com o CID 10 predominaram as doenças do sistema digestivo com 39 citações entre as utilizadas e 27 citações entre as conhecidas, porém não utilizadas, em seguida, doenças do sistema nervoso com 27 citações para as utilizadas e 9, para as conhecidas, porém não utilizadas. As folhas são a parte mais utilizada e a decocção visando à obtenção do chá é o modo de preparo mais frequente. Diante dos resultados demonstrados os moradores da zona rural possuem vasto conhecimento das plantas e suas propriedades de cura. Para que todos estes valores sejam preservados e ocorrer um retorno do conhecimento a comunidade é necessária uma interação entre os setores público (gestão municipal), científico (saber técnico científico) e social (comunidade), de forma que todos trabalhem para um bem comum, buscando o uso consciente da fitoterapia a fim de preservar as espécies e estes conhecimentos para as futuras gerações.

Palavras chave: Etnobotânica, Inconfidentes, Plantas medicinais, SIG.

ABSTRACT

The municipality of Inconfidentes located in the south of Minas Gerais with its 23 rural districts is an important subject of research about plants with therapeutic uses. The objective of this study was to investigate the known medicinal species, but not used and those used by the rural population of the Inconfidentes, the forms of use by residents and how they transmit knowledge concerning medicinal flora, as well the preparation of a map with the cartographic coordinates each rural district. Data were collected through interviews and questionnaires with questions structured and semi structured with subsequent collection of plants indicated using the technique of "walking in the woods". 114 peoples were interviewed mostly men (54%) and no significant differences were observed for knowledge of plants between genders. The age influenced significantly, demonstrating that individuals with more advanced age are holders of greater knowledge. Altogether 101 species used and 67 species were cited among known but unused, in its most exotic, distributed in 41 families and 30 families respectively. Among these species were highlighted in *Mentha sp.*; *Foeniculum vulgare* Mill .; *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. The most quoted botanical families were Asteraceae and Lamiaceae for both cases. Classifying the diseases treated in accordance with the ICD-10 predominated diseases of the digestive system with 39 citations for used and 27 citations for known but unused, then the nervous system diseases with 27 citations for used and 9 citations for known but unused. The leaves are the most used part and in order to obtain the decoction of tea is the most common mode of preparation. Given the results shown residents of the rural area have vast knowledge of plants and their healing properties. For all these values are preserved and occur a return of knowledge for community is required the interaction between the public sectors (municipal administration), scientific (technical scientific knowledge) and social (community), so that all work for a common good, seeking the conscious use of herbal medicine in order to preserve the species and this knowledge for future generations.

Keywords: Ethnobotany, Inconfidentes, Medicinal Plants, GIS.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REVISÃO DE LITERATURA	3
2.1. ETNOBOTÂNICA	3
2.2. HISTÓRICO E USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO MUNDO	5
2.3. HISTÓRICO E USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO BRASIL	5
2.4. POLÍTICAS PÚBLICAS REFERENTES AS PLANTAS MEDICINAIS E FITOTERÁPICOS NO BRASIL	7
2.5. GESTÃO AMBIENTAL E PLANTAS MEDICINAIS	9
3. MATERIAIS E MÉTODOS.....	12
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
4.1. CARACTERIZAÇÃO CARTOGRÁFICA DOS BAIRROS RURAIS.....	18
4.2. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS ENTREVISTADOS	20
4.3. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA RELATIVO AO CONHECIMENTO E UTILIZAÇÃO DAS PLANTAS MEDICINAIS.....	21
4.4. CARACTERIZAÇÃO BOTÂNICA RELATIVA A UTILIZAÇÃO E CONHECIMENTO DAS PLANTAS MEDICINAIS.....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
7. ANEXOS	48
7.1. IMAGENS	48
<i>Imagem 1. Alocação dos pontos com GPS.....</i>	48
<i>Imagem 2. Morador sendo entrevistado</i>	49
<i>Imagem 3. Esclarecimento sobre o termo de consentimento livre e esclarecido</i>	49
<i>Imagem 4. Assinatura de anuência do morador para a pesquisa</i>	50
<i>Imagem 5. Aplicação do questionário sobre perfil socioeconômico e utilização/conhecimento das plantas medicinais.....</i>	50
<i>Imagem 6. Turnês guiadas no entorno das residências dos moradores</i>	51
<i>Imagem 7. Método de identificação das plantas.....</i>	51
<i>Imagem 8. Espécime sendo herborizado para posterior identificação.....</i>	52
<i>Imagem 9. Apoio na identificação através de bibliografia</i>	52
<i>Imagem 10. Identificação das amostras coletadas em campo</i>	53
7.2. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	54
7.3. FORMÚLARIO UTILIZADO PARA A COLETA DE DADOS	56
7.4. TABELA UTILIZADA PARA A COLETA DAS PLANTAS MEDICINAIS	58

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa da região com destaque o município de Inconfidentes	13
Figura 2. Legenda do método adotado para identificação dos bairros e exsicatas	17
Figura 3. Mapa de localização dos bairros rurais de Inconfidentes	19
Figura 4. Principais atividades dos entrevistados.....	20
Figura 5. Enfermidade tratadas e classificadas com o CID 10.....	22
Figura 6. Formas de aquisição do conhecimento sobre as plantas	24
Figura 7. Local de obtenção das espécies medicinais	26
Figura 8. Número de espécies por família botânica correspondentes ao levantamento	35
Figura 9. Formas de preparo para uso das plantas medicinais	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Amostragem das famílias entrevistadas	14
Tabela 2. Tempo de utilização de plantas medicinais pelos moradores	25
Tabela 3. Espécies citadas pela população rural de Inconfidentes	28
Tabela 4. Usos combinados citados pela população rural do município de Inconfidentes	34

1. INTRODUÇÃO

O contato diário das comunidades tradicionais e indígenas com o reino vegetal ao longo dos séculos gerou grandes descobertas sobre as potencialidades das plantas e os benefícios ou malefícios que algumas espécies podem oferecer à humanidade sejam para fins alimentícios, medicinal, vestuário ou combustível.

A região do sul de Minas Gerais tem a vocação para pesquisa etnobotânica, dada a rica diversidade de costumes e tradições de sua população, seja na utilização de plantas para fins alimentícios, medicinais, entre outros (Sá & Valle, 2007).

As comunidades rurais estão profundamente ligadas ao uso de plantas medicinais, devido à facilidade de matéria prima para o cultivo em hortas, quintais ou também coletadas em remanescentes florestais próximos a propriedade, na maioria das vezes sendo a única forma disponível para o tratamento de doenças (Amorozo, 2002).

Nas últimas décadas, o Brasil vêm sofrendo com o êxodo rural deixando de ser um país majoritariamente rural para um país majoritariamente urbano, afastando o homem do campo de seu bioma/ambiente natural do qual ele tinha mais conhecimento e substituindo esta tradição de uma agricultura familiar. No cenário do agronegócio ocorre a modernização do campo e o distanciamento do homem da terra, diminuindo o seu sentimento de pertencimento e deixando de interagir com o seu meio natural, assim influenciando em seus conhecimentos a respeito da natureza.

De acordo com Moreira (2011), levantamentos etnobotânicos são fundamentais para conhecer e estudar as plantas com finalidades medicinais. Observando o contexto social da comunidade, sua cultura, suas receitas, seus costumes, foi possível identificar espécies medicinais e a relação dos moradores da área rural de Inconfidentes com a flora medicinal.

Esse trabalho teve como objetivo investigar as espécies medicinais conhecidas, porém não utilizadas e aquelas utilizadas pela população rural de Inconfidentes, as formas de utilização pelos moradores e como transmitem estes conhecimentos relativo a flora medicinal, bem como a elaboração de um mapa com as coordenadas cartográficas de cada bairro rural.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Etnobotânica

A etnobotânica tem sido definida como "o estudo das inter relações diretas entre seres humanos e plantas" (Ford 1978 apud Oliveira et al., 2009). Esta ciência sendo uma subárea da botânica tem ganhado destaque na área científica devido à grande conexão que se estabelece entre conhecimento popular e a ciência propriamente dita, sendo uma ferramenta que favorece a relação do homem com a vasta diversidade vegetal, contribuindo de forma significativa no tratamento de enfermidades humanas, nos rituais religiosos e padrões de alimentação (Franco *et al.*, 2011).

O americano *Richard E. Schultes* entende que a etnobotânica existe desde os primórdios da história escrita da humanidade, tendo seu reconhecimento científico ocorrido em 1895 quando seu compatriota *J. W. Harshberger* publicou o artigo *The purposes of ethnobotany* em 1896 (Albuquerque, 2005).

Um estudo etnobotânico é o primeiro passo para o estabelecimento das espécies vegetais promissoras para pesquisas agropecuárias e florestais, justificando assim sua utilização pela comunidade e conservação no bioma inserido. A atuação de profissionais de diversas áreas como botânicos, engenheiros florestais, engenheiros agrônomos, antropólogos, médicos, químicos, entre outros profissionais, está enriquecendo e ampliando a etnobotânica (Rodrigues & Carvalho, 2001; Costa, 2002).

Os pesquisadores extraem e compilam as informações a partir do conhecimento e da cultura e do cotidiano da comunidade pesquisada, seus diversos conceitos de utilização dos recursos naturais, sendo portanto imprescindível o respeito pelas instituições sociais locais e cautela na transmissão dos dados para a comunidade científica (Patzlaf & Peixoto, 2009;

Albuquerque & Hanazaki, 2006).

O papel do etnobotânico dentro do contexto das plantas medicinais é catalogar, identificar e registrar estas espécies utilizadas pela comunidade e posteriormente divulgar este conhecimento para possíveis comprovações científicas por pesquisadores da área da farmacologia. Vale lembrar que este profissional deve dar um retorno a estas comunidades seguindo o princípio da participação ativa de acordo com o código de ética da Sociedade Internacional de Etnobiologia (*International Society of Ethnobiology*, 2006).

Pesquisas etnobotânicas em comunidades rurais têm grande importância no Brasil, devido sua rica flora medicinal que está sendo ameaçada em virtude das ações antrópicas e pelo extrativismo insustentável destas plantas, portanto é necessária a continuidade destes estudos para a preservação destas espécies de valor inestimável (Fonseca & Sá, 1997 *apud* Oliveira & Menini Neto, 2012). Resgatar e registrar as técnicas terapêuticas das populações rurais é uma maneira de contribuir para a valorização da medicina popular, posto que a transmissão de conhecimento possa sofrer prejuízos com a modernização do meio rural e o contato maior com a sociedade em geral (Pilla *et al.*, 2006).

A construção e transformação da etnobotânica vem ocorrendo em dois cenários: um de diversidade cultural que envolve os conhecimentos e práticas de seus habitantes e outro de diversidade biológica, que inclui plantas de interesse e potencial de mercado que podem ser possíveis fontes de geração de renda com sustentabilidade ambiental (Oliveira *et al.*, 2009). Hanazaki (2006) afirma que as interfaces entre a etnobotânica e a conservação fornecem informações para o desenvolvimento de estratégias de manejo a curto, médio e longo prazo, tanto para problemas de conservação biológica como para questões direcionadas para o desenvolvimento local. Programas de conservação de espécies com valor medicinal têm sido observados em vários países (Junior *et al.*, 2010).

Aliados ao conhecimento tradicional a nova geração de etnobotânicos está construindo modelos de desenvolvimento locais e regionais que consideram as diversidades ambientais, sociais e culturais inerentes a cada região brasileira e a seu povo (Pinheiro, 2007).

2.2. Histórico e Uso de Plantas Medicinais no Mundo

Uma das referências mais antigas sobre a fitoterapia data de mais de sessenta mil anos em estudos arqueológicos feitos em ruínas do Irã (Rezende & Cocco, 2002). Por volta de 4000 a.C foi comprovado o uso da espécie *Papaver somniferum* L. (Papaveraceae), conhecida como Papoula, usada para extração do ópio, sendo seu componente majoritário a morfina, princípio ativo utilizado para combater a dor (Foglio *et al.*, 2006).

Na China, um dos primeiros registros sobre o uso e cultivo de plantas medicinais datados é de 2800 a.C. pelo imperador *Sheng Nung*, divulgando a obra *Pen T'sao* “A Grande Fitoterapia”, que contabiliza mais de 360 espécies (Eldin & Dunford, 2001). No Egito em um dos herbários mais antigos é possível encontrar os “Papiros de Erbs”, uma relíquia com mais de 125 plantas medicinais e 811 receitas catalogadas, já no Museu da Pensilvânia podemos encontrar uma coleção de fórmulas de trinta diferentes drogas de origem vegetal, animal e mineral datados de 2100 a.C. (Braga, 2011; Firmo *et al.*, 2011).

Na Índia em seu período Védico (1000 a.C.), foram registrados mais de mil ervas utilizadas pela medicina Ayurvédica. Também na Europa, Hipócrates (460-377 a.C), considerado o Pai da Medicina, elaborou a obra “*Corpus Hippocraticum*, na qual indicava para cada enfermidade um remédio vegetal (Cordell, 1993; Silva, 2002; Wyk; Wink, 2004 apud Junior *et al.*, 2010).

Para Lorenzi & Matos (2008), em todas as épocas e civilizações o homem aproveitou os benefícios gerados pelos recursos naturais locais e ao longo dos anos foi observando o potencial do reino vegetal para efeitos curativos do organismo, formando assim uma importante riqueza etnobotânica local transmitida oralmente ao longo das gerações. É possível observar uma estreita dependência da medicina com a botânica em todas as culturas e nos diferentes momentos históricos (Silva, 2002).

2.3. Histórico e Uso de Plantas Medicinais no Brasil

A relação da flora brasileira com a medicina já vem sendo observada e utilizada pelos indígenas há milhares de anos. Exploradores europeus ao chegarem às novas terras aliaram seus conhecimentos com a sabedoria dos habitantes nativos originando as pioneiras obras de botânica do país.

Guilherme Piso em 1648 publica um estudo detalhado com ilustrações botânicas sobre a flora nativa intitulado “*India Litriusque Naturali et Medica Libri Quatuordecim*”, e o também naturalista Carl F. P. Von Martius em “*Systema Materiae Medicae Vegetabilis Brasiliensis*” (1843) verifica a taxonomia das plantas medicinais (Silva, 2002).

Dentre alguns herbalistas brasileiros podemos citar Manuel Freire Alemão de Cysneiros, autor de “*Matéria Médica Brasileira*” (1862-1864). “*Elementos de Botânica Geral e Médica*”, de Joaquim Monteiro Caminhoá (1877), contribuiu com o ensino da botânica para identificação das espécies. Outras importantes obras são a de Rodolpho Albino Dias da Silva “*Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas*”, coleção com 6 volumes (1926-1975) e “*Farmacopéia Brasileira*” publicada em 1929 (Braga, 2011).

Santos (2008) demonstra que nas primeiras décadas do século XIX ocorreu um mapeamento das riquezas naturais e suas possíveis utilizações no Brasil colonial. As informações sobre a natureza brasileira foram produzidas através de expedições científicas entre naturalistas brasileiros e estrangeiros que coletaram dados com os povos nativos, assim estabelecendo-se instituições médicas oficiais no país.

Estes naturalistas europeus quando chegaram ao Brasil, logo se depararam com uma imensa quantidade de plantas medicinais utilizadas pelos indígenas, juntamente com as plantas trazidas da África pelos escravos (Giraldi & Hanazaki, 2010).

O botânico francês Auguste de Saint-Hilaire foi um dos naturalistas que se destacou, percorrendo os estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; além de partes da Argentina e Paraguai. Coletou cerca de seis a sete mil espécies de plantas, descritas nos três volumes da *Flora brasiliae meridionalis* (1825, 1829 e 1832-1833), cujos exemplares botânicos correspondentes estão depositados no Herbário de Paris do *Muséum National d' Histoire Naturelle* e da Universidade de *Montpellier* e de *Clermont-Ferrand*, França (Herbário Virtual A. de Saint Hilaire, 2014).

As plantas medicinais utilizadas pelos brasileiros no século XIX, Saint Hilaire junto com os nativos, identificou um total de 283 plantas nativas consideradas úteis. Algumas espécies foram consideradas por ele e pelo naturalista alemão Von Martius muito importantes, sendo incluídas em suas obras específicas sobre plantas medicinais *Plantes Usuelles dès*

Brésiliennes e Systema Materiae Medicae Vegetabilis Brasiliensis, respectivamente (Saint Hilaire, 1824; Martius, 1834; Brandão et al., 2008; 2012).

Para Coelho (1989) apud Badke (2008), a utilização das plantas medicinais no Brasil está intimamente ligada à cultura européia, dos negros e indígenas. Esta miscigenação de saberes terapêuticos foi durante muito tempo o principal meio de cura utilizado pela população rural.

Nestes últimos anos, no Brasil, vem ocorrendo um aumento na utilização de plantas medicinais, não somente pela população rural, mas também associado a programas oficiais de saúde, pois estes fornecem o incentivo à exploração e/ou a produção sustentável de plantas medicinais (Amaro *et al.*, 2011).

2.4. Políticas Públicas referentes as Plantas Medicinais e Fitoterápicos no Brasil

Desde a Declaração de Alma-Ata, em 1978, a Organização Mundial de Saúde - OMS tem demonstrado a necessidade de valorizar o uso das plantas medicinais, tendo em conta que 80% da população mundial utilizam essas plantas ou preparações destas na atenção primária à saúde (Brasil, 2006a).

Em muitas comunidades e grupos étnicos as plantas medicinais são o único recurso terapêutico para o tratamento e cura de enfermidades; plantas que apresentam este potencial são comercializadas em feiras livres, mercados populares e encontradas em quintais residenciais (Maciel *et al.*, 2002).

A utilização de plantas medicinais para o tratamento das enfermidades é conhecida como fitoterapia e definida como terapêutica caracterizada pelo uso de plantas medicinais em suas diferentes formas farmacêuticas, sem a utilização de substâncias ativas isoladas (Brasil, 2006a).

Para a Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA (2011), produto fitoterápico é aquele obtido de planta medicinal e derivados, não podendo ter suas substâncias químicas isoladas, apresentando finalidade profilática, curativa ou paliativa. Já a planta medicinal é definida como uma espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos.

Para Carvalho *et al.* (2007) as plantas medicinais são aquelas que possuem uma tradição de uso por determinadas comunidades e são capazes de prevenir, aliviar ou curar enfermidades e quando estas são processadas com fins medicinais tornam-se medicamentos fitoterápicos.

Na década de 80 foram dados os primeiros passos para a regulamentação dos fitoterápicos no país e desde então foram promovidos vários encontros técnicos, pesquisas, relatórios e resoluções para se chegar ao decreto presidencial de 17/02/2005, que criou o grupo de trabalho para a elaboração da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. No ano seguinte, pela portaria 971 de 03/05/2006 estabeleceu a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares – PNPIC (Brasil, 2006a) e, posteriormente, o decreto 5.813 de 22/06/2006 aprova a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos – PNPMF (Brasil, 2006b).

Este primeiro documento elaborado em 2006 pelo Grupo de Trabalho Interministerial que define as ações da PNPMF foi publicado e colocado em consulta pública para que todos os cidadãos e cidadãs pudessem opinar. Seu objetivo principal é de “garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional” (Brasil, 2006b).

Após consulta e reformulação a versão final foi divulgada pela Portaria interministerial nº 2.960, de 9/12/2008, dando origem ao Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Seus princípios norteadores são: o uso sustentável da biodiversidade brasileira; valorização e preservação do conhecimento tradicional das comunidades e povos tradicionais; fortalecimento da agricultura familiar (Brasil, 2008).

Em Minas Gerais, existe a Resolução nº 1885, de 27/05/2009, da Secretaria Estadual de Saúde - SES, que aprova a Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares (Secretaria Estadual de Saúde de Minas Gerais, 2009) e o programa “Componente Verde da Rede Farmácia de Minas” lançado em 2010, que possibilita aos usuários do Sistema Único de Saúde – SUS o acesso a fitoterapia e homeopatia (Secretaria Estadual de Saúde de Minas Gerais, 2013).

A exploração da flora nativa medicinal por meio do extrativismo pode levar a drásticas reduções das populações naturais destas espécies, seja pela exploração predatória direta ou pela falta de conhecimento para propagar tais espécies, com isso a domesticação das mesmas se torna a melhor opção para obter esta matéria prima em bases sustentáveis (Reis & Mariot, 2002 apud Souza *et al.*, 2012). Silva e Moraes (2008) destacam que o setor primário responsável pela produção de matéria prima, deverá obter apoio científico e tecnológico.

As plantas medicinais são hoje consideradas estratégicas para o fortalecimento da agricultura familiar, geração de emprego e renda, uso sustentável da biodiversidade brasileira, avanço tecnológico e para a melhoria da atenção à saúde da população brasileira (Brasil, 2006b).

2.5. Gestão Ambiental e Plantas Mediciniais

A Constituição Federal do Brasil, em seu artigo 225, define que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum das populações e fundamental à sadia qualidade de vida, atribuindo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as gerações atuais e vindouras (Brasil, 1988).

O Brasil abriga grande parte da biodiversidade biológica da América do Sul e 15 a 20% da biodiversidade mundial, além de ser o país com maior número de espécies endêmicas. Porém, esta riqueza biológica sofre uma crise ambiental silenciosa, podendo levar a extinção de espécies e homogeneização biótica do planeta (Ganem, 2011). Essa utilização, por vezes descontrolada, pode levar várias espécies ao perigo de extinção.

Maroni *et al.* (2006) reuniram 72 espécies de plantas medicinais encontradas na região de Botucatu/SP, muitas delas ameaçadas de extinção no país, segundo “Lista da Flora Ameaçada de Extinção” do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, alguns exemplos destas espécies ameaçadas são a *Campomanesia pubescens* O. Berg; *Bauhinia rufa* Steud; *Mandevilla illustris* (Vell.) Woods; *Bromelia antiacantha* Bertol.

Monteiro (2012) ressalta algumas diretrizes para a conservação e uso sustentável dos recursos naturais, que potencialmente subsidiarão a construção de novas políticas públicas para a preservação da flora medicinal:

- 1) Pesquisas buscando melhoria das práticas de uso e manejo de plantas medicinais, visando à conservação e uso sustentável das espécies vegetais;
- 2) Promoção do elo de comunicação entre os setores da sociedade sobre o uso dos recursos e as finalidades medicinais, articulando assim o setor público, privado, a comunidade local envolvida e organizações não governamentais;
- 3) Sistemas de informações entre o conhecimento técnico científico e o conhecimento popular, propondo o diálogo e divulgação com outras redes de pesquisa em sintonia com o tema pelo país, por meio da criação e manutenção de uma rede de informações;
- 4) Promover o reconhecimento sobre a importância da valorização do saber popular, sua história e sua transmissão a outros membros das comunidades participantes, registro desta sabedoria, aprimorando os bens ambientais e difundindo práticas e tecnologias ambientais sustentáveis, a fim de resgatar e proteger o conhecimento tradicional.

Ressaltando sobre o tópico 3 (sistemas de informação), já podemos usufruir do software “DATAPLAMT” da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, sendo seu objetivo criar um banco de dados e amostras de plantas aromáticas, medicinais e tóxicas, para fins de pesquisa, recuperação e divulgação de informações sobre as plantas medicinais nativas do Brasil para sua conservação. No entanto, a maior parte das plantas conhecidas atualmente e cultivadas em hortas para utilização, não é nativa do Brasil (Dataplamt, 2013).

Estudos sobre os recursos medicinais em comunidades tradicionais estão se tornando uma necessidade urgente, uma vez que há o risco de extinção de espécies nativas como também do conhecimento tradicional que orienta seu uso, o qual é transmitido de geração a geração (Brito & Valle, 2011).

A população rural se conscientiza da necessidade de uma gestão ambiental quando vêem desaparecer espécies animais, vegetais e ocorrem intempéries ambientais, no entanto, buscando uma visão sistêmica que considere as partes do ambiente como um todo, o equilíbrio entre homem e seu ambiente se manifesta através de um meio sustentado

(Monteiro, 2012).

É eminentemente interessante utilizar a etnobotânica como ferramenta para subsidiar políticas públicas locais através de levantamento de dados, conservação da biodiversidade através da etnoconservação, bioprospecção de novos fármacos e insumos farmacêuticos, etnomanejo, valorização da cultura local e desenvolvimento sustentável (Sá, 2007).

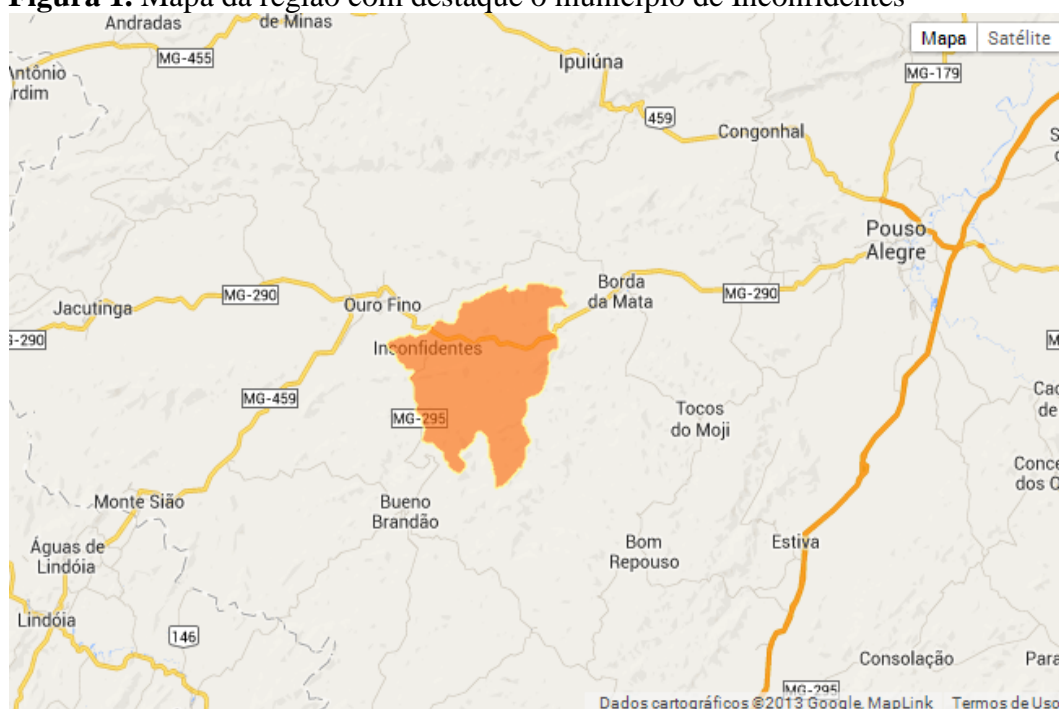
O profissional da gestão ambiental se insere como mediador no gerenciamento entre comunidade e poder público, “traduzindo” este conhecimento êmico das comunidades em conhecimento ético para o setor público e instituições de pesquisas, resgate e proteção da sabedoria popular.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa foi realizada no período de julho de 2012 a junho de 2013 em 23 bairros rurais do município de Inconfidentes/MG. Esse município (figura 1) possui área territorial de 149,611 km² dentro do bioma Mata Atlântica, com população estimada pelo censo 2010 de 6.904 habitantes, sendo 3.223 residentes na zona rural. No último levantamento feito pelo censo em 2013 o município encontra-se com 7.217 habitantes no total e para os habitantes residentes na zona rural ainda não foi feito um levantamento mais recente (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2013).

O município de Inconfidentes apresenta altitude máxima de 1517 m e mínima de 919 m, posição geográfica de latitude 22° 19' 00" S e longitude 46° 19' 40" W. O clima da região, segundo a classificação de Köppen, é o CWB, ou seja, clima temperado úmido com inverno seco que coincide com os meses mais frios, precipitação média inferior a 60 mm em pelo menos um dos meses desta estação e verão moderadamente quente, com temperatura média do mês mais quente inferior a 22 °C e, durante pelo menos quatro meses, superior a 10 °C (Sá Júnior, 2009).

Figura 1. Mapa da região com destaque o município de Inconfidentes



Fonte: Google (2013)

A escolha da pesquisa se deu devido à forte vocação agrícola do município, à história e cultura de seu povo nativo tradicional que ainda mantém práticas de seus antepassados, identificando assim a necessidade de um levantamento etnobotânico.

A fim de verificar a localização dos bairros a serem pesquisados primeiramente foram obtidos esboços cartográficos no Departamento de Tributários da Prefeitura Municipal de Inconfidentes e também informações com o técnico responsável da empresa de assistência técnica e extensão rural – EMATER. Devido à carência de assistência técnica cartográfica, foi tido como um dos objetivos da pesquisa gerar um mapa da zona rural do município. Para isso foi utilizado o GPS de navegação da marca Garmin modelo emap. Com objetivo de facilitar a reambulação foi estabelecido o critério de alocar os pontos do GPS em frente à igreja principal de cada bairro, pois tradicionalmente é onde se estabelece o centro do bairro, devido às missas e festas religiosas. Nos bairros que não apresentaram igreja foi alocado o ponto próximo a um riacho, campo de futebol ou fazenda.

Foram coletados 23 pontos com o GPS representando os bairros (Anexos - imagem 1). Por meio do programa ProGrid, fornecido gratuitamente através de download pelo IBGE <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geodesia/param_transf/default_param_transf.shtm>, foram convertidas as coordenadas geodésicas para coordenadas no sistema de

projeção cartográfica UTM, ambas no sistema geodésico Córrego Alegre (COA). Esta conversão foi realizada para coincidir os sistemas cartográfico e geodésico com o mesmo da carta topográfica Ouro Fino, produzido pelo IBGE. Esta carta possui informações de limite, hidrografia, vegetação, altimetria, localidades e sistemas de transportes.

Os programas utilizados para a elaboração do mapa foram Spring versão 5.2.6 (sistema de processamento de informações georreferenciadas) e Scarta (sistema de elaboração de cartas) versão 5.2.6. Estes softwares de domínio público podem ser obtidos on line no site do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE <<http://www.dpi.inpe.br/spring>>.

Para representação estatística dos bairros houve o apoio dos agentes municipais de saúde do programa saúde da família que periodicamente fazem visitas a estes bairros, fornecendo um levantamento do número total de famílias residentes nos mesmos (Tabela 1), assim definindo uma amostragem aleatória simples de 10% do número total de famílias em cada bairro. Como cita Nazareth (1996) “é necessário no mínimo, 10% do número total dos elementos da população para garantir representatividade no grupo”.

Foi realizada análise estatística não paramétrica e realizados testes de normalidade com o objetivo de selecionar análises adequadas para os testes de hipóteses. Como os dados analisados não apresentavam distribuição normal, foram selecionados testes não paramétricos para a comparação das variáveis por grupos. Todos os testes foram realizados utilizando o software gratuito PAST (*Hammer et al.*, 2001).

Tabela 1. Amostragem das famílias entrevistadas

Pontos	Bairros	Número total de famílias	Número de famílias entrevistadas
P1	Monjolinho	150	15
P2	Porantava	47	5
P3	Alto do Mogi	15	2
P4	Córrego da Onça	38	4
P5	Escritório Velho	7	1
P6	Roma	106	11

P7	Bom Jardim	29	3
P8	Santa Isabel	79	8
P9/10	Paredes/Córrego do Urutu	31	3
P11	Pessegueiro	34	3
P12	Posses	11	1
P13	Soledade do Mogi	45	5
P14	Boa Vista da Adelaide	39	4
P15	Córrego Grande	27	3
P16	Boa Vista dos Goés	56	6
P17	Boa Ventura	123	12
P18	Freitas	47	5
P19	Pitanga	11	1
P20	Boa Vista das Pitangueiras	100	10
P21	Cambuizinho	49	5
P22	Gramma	20	2
P23	Pinhalzinho dos Goés	46	5
	Total	1110	114

Fonte: Dados segundo agentes municipais de saúde do programa saúde da família (2012).

Os métodos e técnicas utilizados para a coleta de dados etnobotânicos foram feitos pelo método de amostragem aleatória simples para as residências dos bairros e o critério de seleção para a entrevista foi estabelecido pela seguinte forma: a primeira pessoa a atender seria a entrevistada (Anexos - imagem 2), sendo mulher/homem, independente da idade, assim havendo uma homogeneização nos dados, sem critérios de seleção para nenhum elemento ter maior chance de ser escolhido que outro.

Silva (2002) complementa que quando os moradores são abordados de forma direta em suas propriedades sem uma prévia apresentação a líderes comunitários ou associações as informações repassadas são realmente conhecimentos agregados à pessoa, não havendo chance da mesma se preparar para a entrevista. Esta estratégia impede que uma ideia irreal do conhecimento seja amostrada, o que poderia comprometer o resultado da pesquisa.

No momento da abordagem (Anexos - imagem 3) primeiramente foi esclarecido ao entrevistado (a) o objetivo da pesquisa e apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido para participação. A anuência do morador à sua participação na pesquisa é confirmada com sua assinatura (Anexos - imagem 4), associada às assinaturas dos pesquisadores, como estabelece o código de ética para pesquisas etnobiológicas da Sociedade Internacional de Etnobiologia (*International Society of Ethnobiology*, 2006). Para os entrevistados analfabetos foi utilizada almofada de carimbo e recolhida sua digital.

Após esta prévia apresentação foi aplicado um questionário (Anexos - imagem 5) baseado em levantamento de literatura de estudos etnobotânicos anteriores, contendo questões estruturadas e semi-estruturadas sobre perfil sócio-econômico e a utilização e conhecimento das plantas medicinais. Esta abordagem permite evidenciar aspectos tanto objetivos, quanto subjetivos, quantitativos e qualitativos.

As turnês guiadas para listagem das plantas foram feitas no entorno de suas residências, em geral nos quintais (Anexos - imagem 6), mas também em roças e em alguns casos utilizada a técnica “*walking in the woods*” de *Alexiades & Sheldon* (1996) citado por Brito & Valle (2011). Durante a coleta das amostras férteis (flor e fruto) o método de identificação, foi feito da seguinte forma: primeiramente foram colocadas as iniciais do bairro (Anexos - imagem 7), o número do morador entrevistado e o número da exsicata.

Figura 2. Legenda do método adotado para identificação dos bairros e exsiccatas

Ex: PHG 01/02

Pinhalzinho dos Goês, morador 01, exsicata 02

Em seguida, os espécimes botânicos foram fotografados in loco para verificar seu habitat, hábito e herborizados (Anexos - imagem 8) basicamente nos procedimentos de prensagem e secagem e após identificação estes espécimes foram descartados, devido a falta de um herbário na instituição.

Com o objetivo de não haver divergências de nomes populares para as espécies conhecidas, porém não utilizadas pelos moradores, foi utilizada bibliografia especializada (Lorenzi & Matos, 2008), amostra de imagens (Anexos - imagem 9), com isso confirmando a veracidade da espécie citada. E no caso das espécies utilizadas a mesma referência bibliográfica foi utilizada (Anexos - imagem 10), assim como também consulta a especialistas, tais como L. C. Martins (UFMG); L. Loures (IFSULDEMINAS – Câmpus Inconfidentes); J.R. Stehmann (UFMG); A.C. Fernandes (UFMG); D.R.M. Neves (UFMG). Em seguida foi feita a atualização dos nomes científicos através da base de dados *Taxonomic Name Resolution Service* 3.2.

As enfermidades citadas foram categorizadas de acordo com a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde – CID 10 (Organização Mundial de Saúde, 2008).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Caracterização cartográfica dos bairros rurais

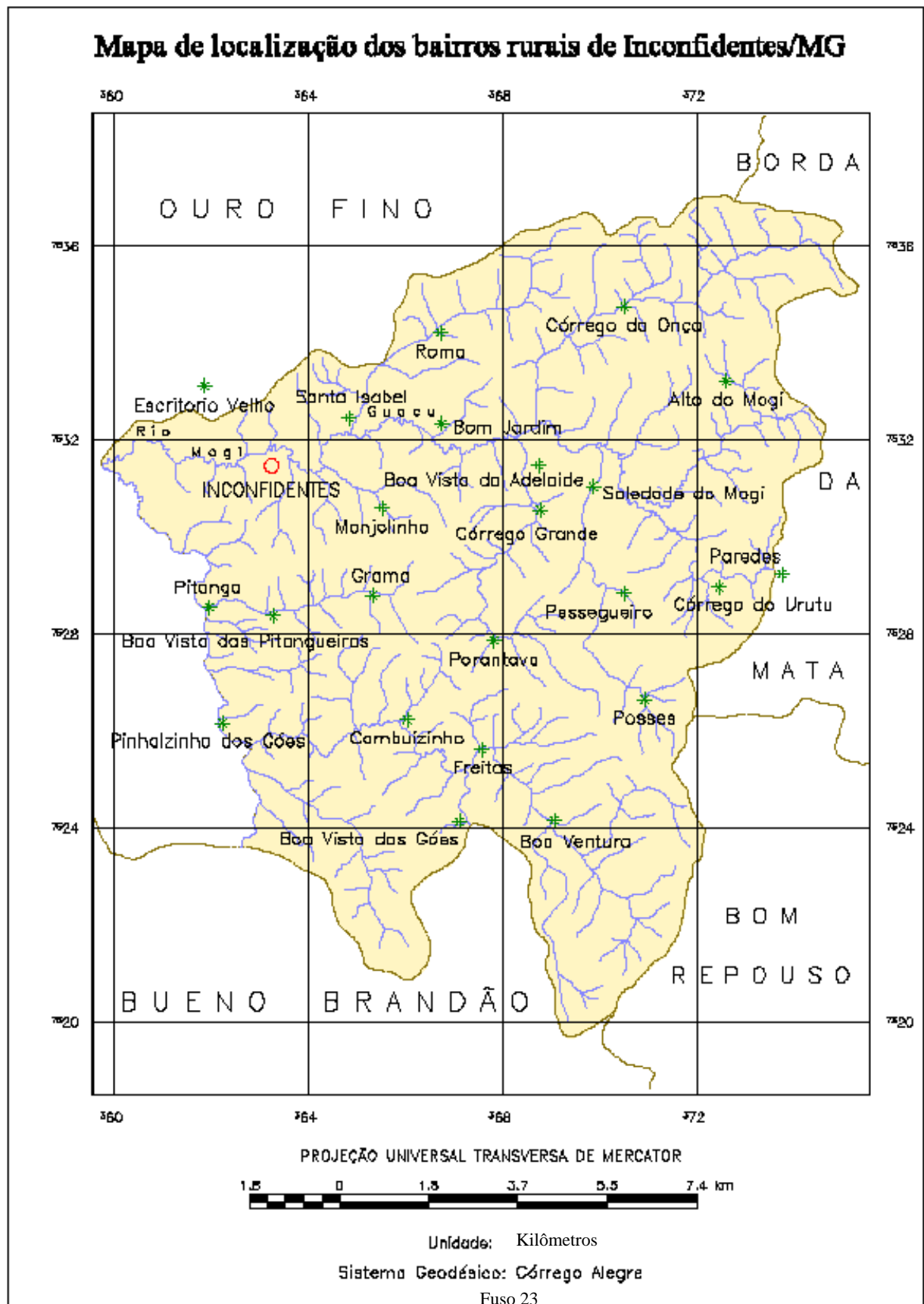
Com o registro das coordenadas pelo GPS de navegação em campo e posteriormente trabalhando com softwares de geoprocessamento foi gerado o mapa da localização dos bairros rurais de Inconfidentes (figura 3), sendo possível a identificação espacial dos locais percorridos no levantamento e suas devidas coordenadas cartográficas.

Porém observam-se o bairro Escritório Velho e Paredes fora do limite municipal de Inconfidentes, proposto pela carta topográfica do mapeamento sistemático: Ouro Fino e Borda da Mata do IBGE (2014).

No caso do primeiro bairro este encontra-se no município de Ouro Fino/MG e o bairro Paredes no município de Borda da Mata/MG, fato que contradiz com os dados da prefeitura municipal que consideram estes bairros sendo do município de Inconfidentes.

Alguns moradores no bairro Paredes levantaram esta questão, sobre qual município pertencia aquele bairro, porém os trabalhos foram executados de acordo com os dados adquiridos pela prefeitura municipal de Inconfidentes.

Figura 3. Mapa de localização dos bairros rurais de Inconfidentes

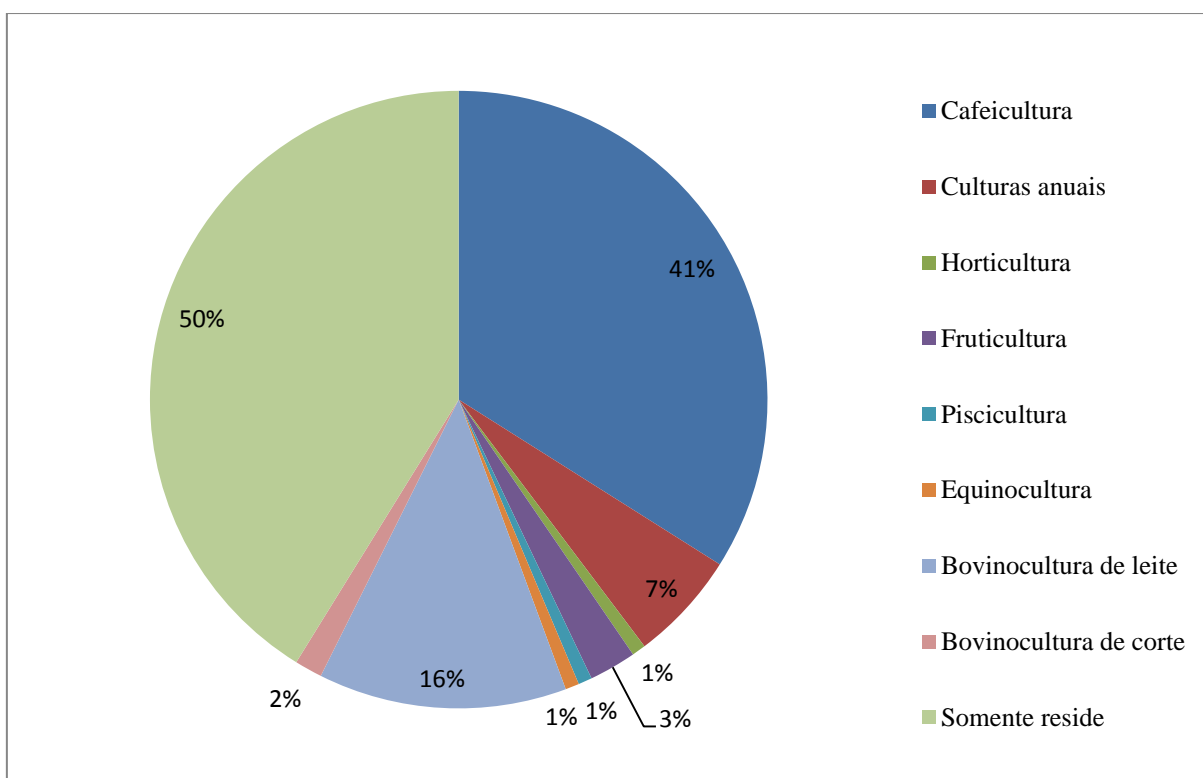


4.2. Caracterização socioeconômica dos entrevistados

No presente estudo foram entrevistados 114 indivíduos, em sua maioria homens (54%). No quesito profissão 47% são produtores rurais, 35% donas de casa, 8% trabalhadores no meio urbano, 5% autônomos, 4% aposentados e 1% estudante.

Grande parte reside na propriedade sem nenhuma atividade agropecuária 50%, outros 41% têm como base a cafeicultura para seu sustento, em seguida a bovinocultura de leite com 16%, entre outras (figura 4). Oliveira et al., (2010) verificou como principais atividades o cultivo de culturas anuais (milho, feijão, mandioca, arroz, banana) e uma pequena pecuária de subsistência.

Figura 4. Principais atividades dos entrevistados



Quanto à escolaridade 53% são alfabetizados (sabem ler e escrever), 25% concluíram o ensino fundamental, 11% são analfabetos, 10% concluíram o ensino médio e 2% concluíram o ensino superior.

No levantamento de Liporacci & Simão (2013) no município de Ituiutaba/MG prevaleceram os informantes com estudo até ensino fundamental 65% com maior conhecimento sobre plantas medicinais.

Os indivíduos nascidos na zona rural representam 80%, dos 20% que não nasceram na zona rural, porém residem neste contexto 61% está há mais de 20 anos, 13% mais de 10 anos, 26% até 10 anos.

A maior parte dos entrevistados são donos de suas propriedades 76% e o tamanho destas em sua maioria é de 1-10 hectares 29%, não sabem o tamanho 29%, menor que 1 hectare 23%, mais de 20 hectares 11%, de 11-20 hectares 9%, confirmando que os bairros rurais de Inconfidentes são basicamente de pequenos produtores rurais como afirma Brasil (2006)¹

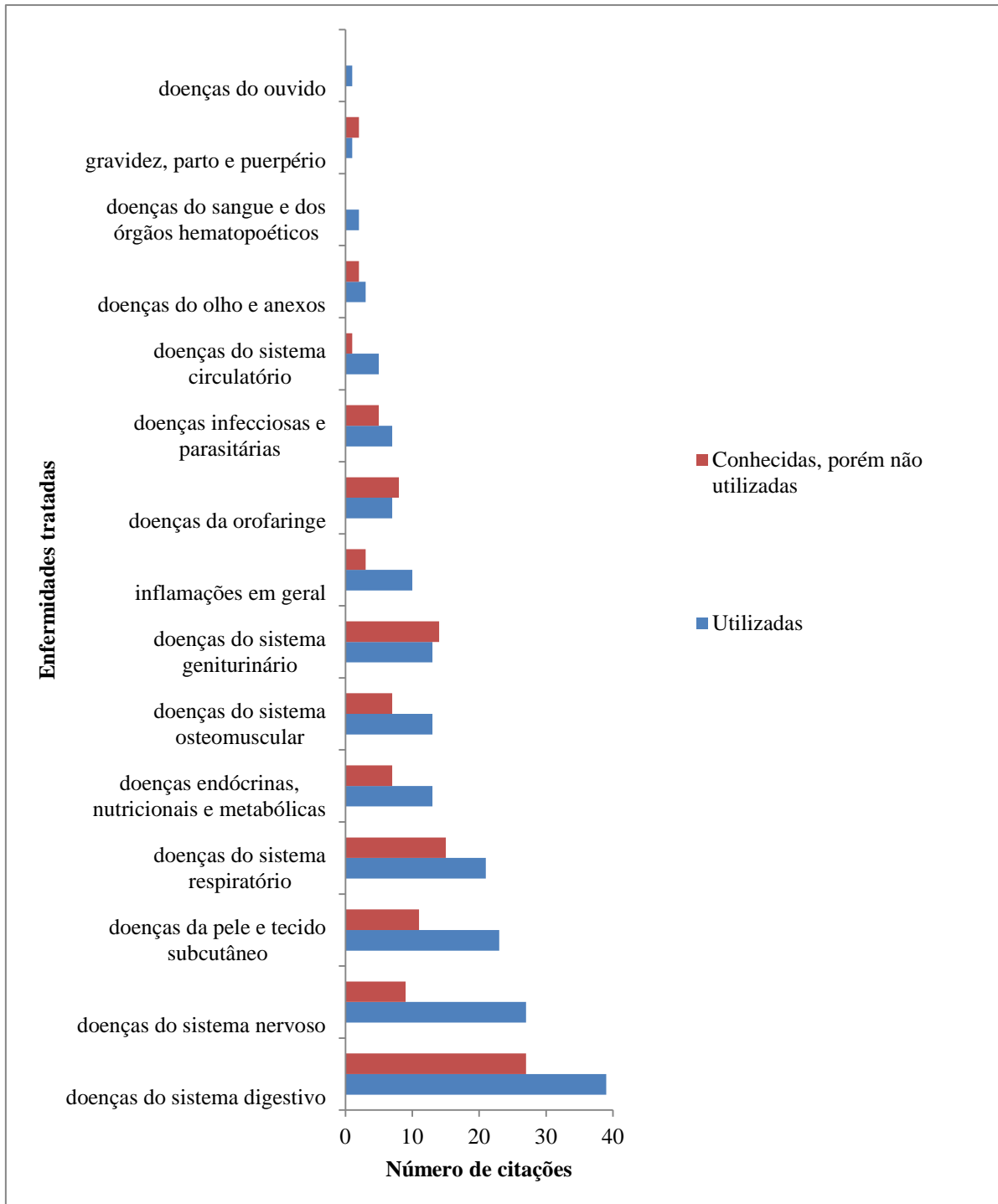
4.3. Caracterização socioeconômica relativa ao conhecimento e utilização das plantas medicinais

Nos 23 bairros percorridos foram feitas 114 entrevistas. Destas 101 pessoas disseram utilizar as plantas medicinais nos casos de enfermidades em suas residências, sendo classificadas de acordo com o CID 10 (figura 5). O maior número de doenças tratadas com plantas foi de doenças do sistema digestivo com 39 citações entre as plantas utilizadas e 27 citações entre as plantas conhecidas, porém não utilizadas. Logo em seguida, doenças do sistema nervoso com 27 citações para as utilizadas e 9 para as conhecidas, porém não utilizadas.

As enfermidades mais tratadas por moradores da comunidade Barra do Jucu em Vila Velha/ES também foram doenças do sistema digestivo, como observado por Albertasse *et al.*, (2010).

¹Pequeno Produtor Rural é aquele que, detém posse de gleba rural não superior a 50 (cinquenta) hectares, explorando-a mediante o trabalho pessoal e de sua família [...]

Figura 5. Enfermidades tratadas e classificadas com o CID 10



Os entrevistados conhecem em média 5,57 plantas, sendo que não foi verificada nenhuma diferença significativa relacionadas ao sexo, homens e mulheres demonstram mesma proporção de conhecimento relacionado às plantas medicinais. O mesmo resultado foi constatado por Baptistel *et al.*, (2014) na comunidade Santo Antonio em Currais no Piauí.

Porém nos levantamentos de Silva *et al.* (2010a) e Feijó *et al.*, (2013) houve a predominância das mulheres, relacionado ao conhecimento das plantas medicinais. Cambruzzi (2013) cita que são as mulheres as detentoras de muitos aspectos do patrimônio cultural do território rural como artesanato, culinária, cantigas, brincadeiras, festas tradicionais, ervas medicinais, crendices e superstições.

A idade variou entre 16 a 89 anos, sendo realizada a correlação de Pearson e verificado que os indivíduos com idade mais avançada conhecem mais plantas ($r=0,306$, $p<0,001$). Alves & Povh (2013) verificaram que os jovens ao desocuparem o meio rural e migrarem para o meio urbano na busca por emprego, diminuem a prática de uso de plantas medicinais, substituindo os conhecimentos da medicina popular por medicamentos sintéticos.

A ocupação do indivíduo e o local de nascimento não parecem influenciar significativamente o conhecimento de plantas medicinais na população amostrada.

Constatou se que a escolarização influencia o conhecimento sobre plantas medicinais. Os grupos que mostraram maior conhecimento foram o dos analfabetos e dos entrevistados com nível superior, ambos com uma média de 8 plantas conhecidas por indivíduo. Foram encontradas diferenças significativas ($p<0,05$) entre o número de plantas conhecidas pelos entrevistados desses grupos e aqueles alfabetizados, com ensino fundamental completo ou com ensino médio completo (média de 4 ou 5 plantas conhecidas). Esse dado é interessante, pois nem sempre a escolarização leva a um maior conhecimento das plantas.

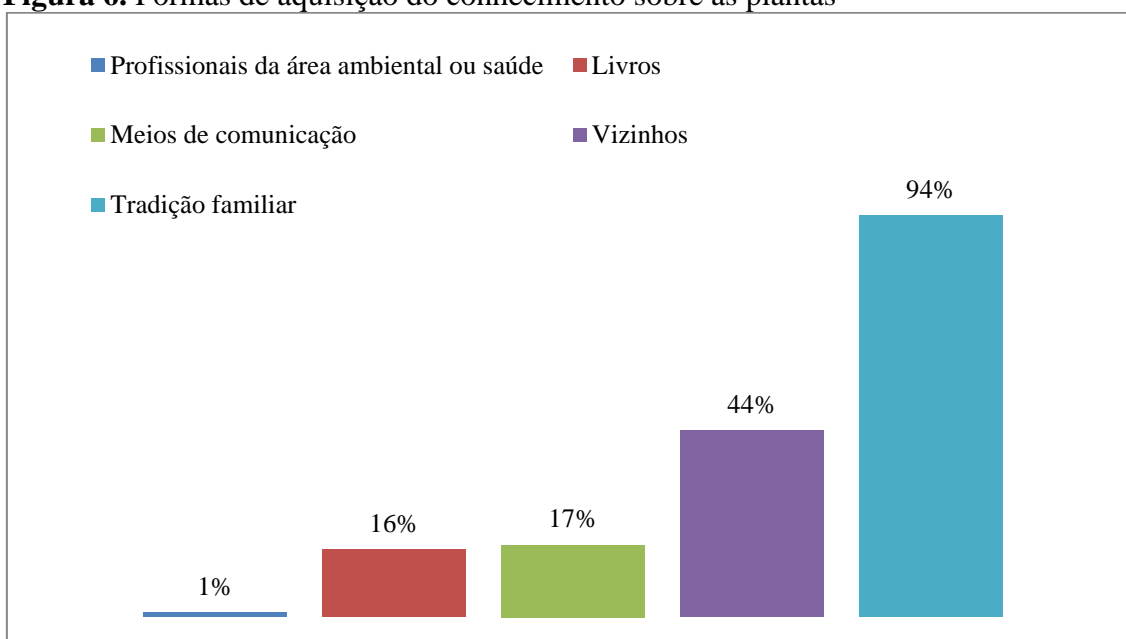
Kovalski & Obara (2013) mencionam que no ensino de ciências, a escola e o professorado não devem ignorar a diversidade de culturas existentes na sociedade, sendo importante encontrar estratégias e metodologias para incluir e dialogar com os alunos suas experiências e vivências exteriores à escola. Os mesmos autores ainda citam que nosso país abriga ricas e diversas etnias e culturas, recusar o diálogo sobre as experiências e vivências fora da escola seria um descaso, tanto para com estas distintas formas de saberes quanto para com os próprios alunos.

Das 13 pessoas que não utilizam, 10 disseram conhecer algum tipo de planta medicinal e apenas 3 não utilizam e não conhecem nem um tipo de planta, alegando os seguintes motivos: não obtém conhecimento suficiente para a utilização, preferem

medicamentos sintéticos, área da propriedade onde residem ser pequena ou acham o gosto ruim.

Entre as formas de aquisição do conhecimento sobre plantas medicinais pelos moradores (figura 6) predomina a tradição familiar com 94%, repassando de geração a geração o conhecimento sobre a flora medicinal, corroborando com outros levantamentos feitos por Silva *et al.* (2009), Morais (2011) e Moreira (2011).

Figura 6. Formas de aquisição do conhecimento sobre as plantas



Estes participantes transmitem estes conhecimentos 90% de forma oral, ou seja, de maneira informal, onde 69% desta divulgação ocorrem com os vizinhos e 63% com seus familiares. Para Badke (2008) esta transmissão oral, onde os mais velhos passam seus conhecimentos para os mais jovens, demonstra o afeto familiar e a tentativa de passar seus conhecimentos às próximas gerações.

Fato interessante evidenciado em campo foi uma criança de 4 anos já conhecer a espécie *Mentha sp.* popularmente conhecida como hortelã, comprovando que a família da criança, além de utilizar, incentiva os menores a conhecer a medicina popular.

O tempo de utilização das plantas medicinais (tabela 2) demonstra a confiança na fitoterapia e a eficácia da mesma.

Tabela 2. Tempo de utilização de plantas medicinais pelos moradores

Período (anos)	%
Desde a infância	75
Mais de 20 anos	17
1-10 anos	6
11-20 anos	1
Não sabe	1

Como forma de obtenção (figura 7) das plantas destaca se o cultivo próprio com 38%. Amorozo (2002) destaca que estes cultivos próprios são uma maneira de resistência ao ambiente urbano garantindo a interação do homem com a natureza. Alguns entrevistados 27% disseram obter as espécies medicinais através do extrativismo em remanescentes florestais próximos à propriedade.

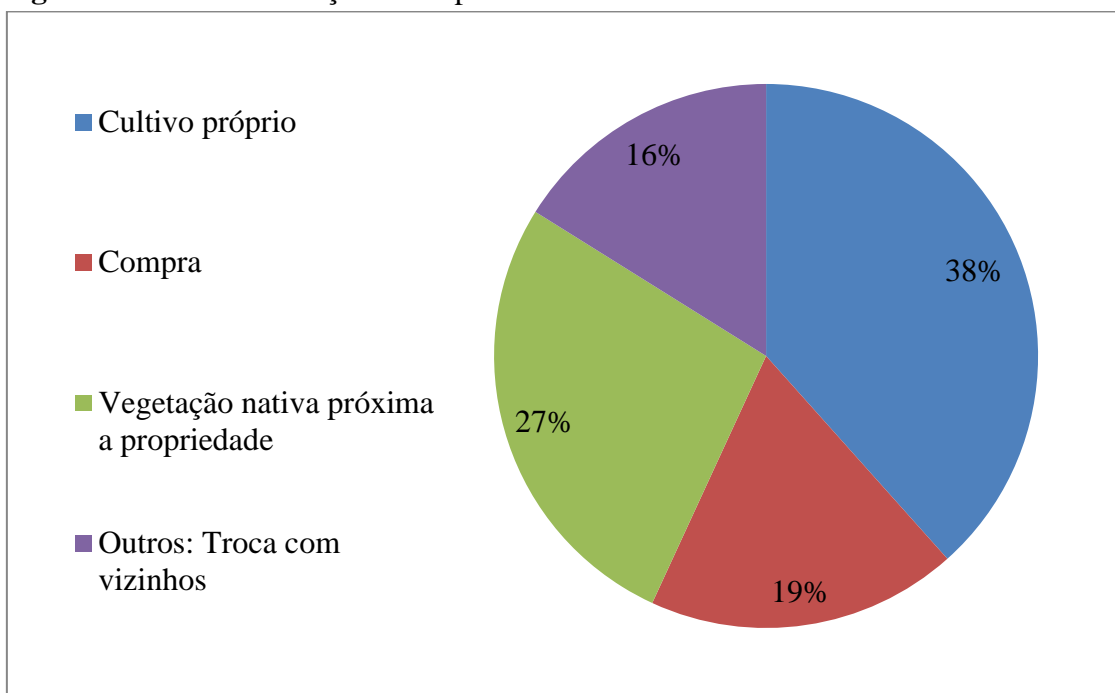
O extrativismo dos recursos medicinais não foi observado como uma prática comum, restringindo se apenas a coletas ocasionais, decorrentes de uma necessidade específica. Porém é de extrema importância os moradores se conscientizarem sobre o extrativismo sustentável e buscar o cultivo destas espécies, principalmente as espécies medicinais nativas.

Begon *et al.*, (1996) *apud* Hanazaki (2002) cita que o objetivo da conservação biológica é evitar que espécies individuais, ou às vezes comunidades inteiras, sejam extintas tanto regionalmente quanto globalmente. Albuquerque (1998) complementa que o problema da conservação da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável passa por distintos níveis: o econômico, cultural (entra aqui o sistema de valores) e o nível local (das comunidades), entre outros.

O cultivo das ervas medicinais é dado como um importante passo para a conservação das espécies vegetais, porque a retirada de plantas nativas de seu ambiente natural tem levado, em muitos casos, à redução drástica das populações destas espécies (Reis *et al.*, 2003).

A preservação dos recursos da biodiversidade é de extrema importância para a manutenção das práticas tradicionais e para a continuação dos diferentes tipos de saberes culturais, podendo se refletir no desenvolvimento socioeconômico da região (Leite *et al.*, 2008).

Figura 7. Local de obtenção das espécies medicinais



Todos que declararam utilizar as plantas medicinais para o tratamento e cura das enfermidades estão satisfeitos. Destes, 90% gostariam de obter mais conhecimento a respeito do assunto e 46% de obter auxílio técnico para o cultivo de plantas medicinais.

Cândido (2013), estudando os agricultores familiares em Inconfidentes, verificou a importância de o agricultor familiar obter informações e acompanhamento anual do agente extensionista rural/ambiental na propriedade para orientá-los, já que 74% das famílias entrevistadas não receberam assistência técnica e extensão rural nos últimos 12 meses.

4.4. Caracterização botânica relativa ao conhecimento e utilização das plantas medicinais

Foram citadas 101 espécies utilizadas e 67 espécies entre as conhecidas, porém não utilizadas, distribuídas em 41 famílias (tabela 3) e 30 famílias (figura 8), respectivamente.

A espécie mais citada para ambos os casos entre as utilizadas e conhecidas, porém não utilizadas foi *Mentha sp.* popularmente conhecida como hortelã/poejo/levante na maioria das vezes indicada pelos moradores para tratamentos de doenças respiratórias. O gênero *Mentha sp.* também obteve um maior número de citações nos levantamentos de Zucchi *et al.*, (2013); Alves & Povh (2013); Rezende & Cocco (2002). Costa & Mayworm (2011) verificaram esta expressiva representatividade no município de Extrema, também situado no sul de Minas Gerais.

A família em destaque também para ambos os casos foi Asteraceae, seguida da família Lamiaceae. Moreira (2011); Girdali & Hanazaki (2010); Vendruscolo & Mentz (2006) também verificaram o destaque da família Asteraceae. Resultado parecido foi obtido por Silva *et al.*, (2009), que verificaram a predominância da família Asteraceae no tratamento de doenças do sistema digestivo.

Plantas da família Asteraceae são conhecidas pelas suas propriedades medicinais e diversas espécies possuem atividade analgésica, antiinflamatória e antimicrobiana comprovadas (Lorenzi & Matos, 2008).

Na tabela 4 verificamos 8 combinações que alguns moradores tem conhecimento interagindo mais de uma espécie. Vendruscolo & Mentz (2006) também verificaram algumas interações entre as espécies medicinais vegetais na forma de xarope, adição do chimarrão ou chá. Para a Organização Mundial de Saúde (2002) erros de diagnóstico, identificação incorreta de espécies de plantas e uso diferente da forma tradicional podem ser perigosos, levando a superdosagem, inefetividade terapêutica e reações adversas.

Tabela 3. Espécies citadas pela população rural de Inconfidentes

Nome científico	Nome popular	Família	Origem	Número de citações de utilização	Número de citações de conhecimento
<i>Mentha sp.</i>	Hortelã/Levante/Ponta livre	Lamiaceae	Exótica	74	19
<i>Foeniculum vulgare Mill.</i>	Erva doce	Apiaceae	Exótica	38	10
<i>Cymbopogon citratus (DC.) Stapf</i>	Capim limão; Erva cidreira de capim	Poaceae	Exótica	25	10
<i>Citrus sp.</i>	Laranja/Limão	Rutaceae	Exótica	19	5
<i>Melissa officinalis L.</i>	Erva cidreira; Melissa	Lamiaceae	Exótica	17	7
<i>Sedum dendroideum Moc.</i>	Balsamo	Crassulaceae	Exótica	14	3
<i>Plectranthus barbatus Andrews</i>	Boldo	Lamiaceae	Exótica	11	12
<i>Gymnanthemum amygdalinum (Delile) Sch. Bip. ex Walp</i>	Alparema; Boldo; Estomalina	Asteraceae	Exótica	11	0
<i>Phyllanthus tenellus Roxb.</i>	Quebra pedra	Phyllanthaceae	Nativa	9	10
<i>Rosmarinus officinalis L.</i>	Alecrim	Lamiaceae	Exótica	9	4
<i>Bidens pilosa L.</i>	Picão	Asteraceae	Nativa	9	2
<i>Plectranthus comosus Sims</i>	Boldo	Lamiaceae	Exótica	9	2
<i>Punica granatum L.</i>	Romã	Lythraceae	Exótica	8	4
<i>Ruta graveolens L.</i>	Arruda	Rutaceae	Exótica	7	3
<i>Zingiber officinale Roscoe</i>	Gengibre	Zingiberaceae	Exótica	7	2
<i>Chenopodium ambrosioides L.</i>	Mentruz; Erva de santa maria	Amaranthaceae	Nativa	6	2
<i>Ageratum conyzoides L.</i>	Erva de são joão	Asteraceae	Nativa	6	0
<i>Matricaria chamomilla L.</i>	Camomila	Asteraceae	Exótica	5	4
<i>Cuphea sp.</i>	Sete sangrias	Lythraceae	Indeterminado	5	2
<i>Persea americana Mill.</i>	Abacate	Lauraceae	Exótica	5	2
<i>Psidium sp.</i>	Goiabeira	Myrtaceae	Nativa	5	1
<i>Costus spicatus (Jacq.) Sw.</i>	Cana do brejo; Bambuzinho de macaco	Costaceae	Nativa	5	0

<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltl.) Micheli	Chapéu de couro	Alismataceae	Nativa	4	4
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	Matmango	Lamiaceae	Exótica	4	3
<i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm.	Mentruz	Brassicaceae	Nativa	4	2
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	Melissa	Verbenaceae	Nativa	4	1
<i>Cordia ecalyculata</i> Vell.	Chá de bugre; Café de bugre; Cafezinho	Boraginaceae	Nativa	4	0
<i>Equisetum giganteum</i> L.	Bambuzinho; Cavalinha	Equisetaceae	Nativa	4	0
<i>Vernonanthura phosphorica</i> (Vell.) H.Rob.	Assa peixe	Asteraceae	Nativa	4	0
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Carqueja	Asteraceae	Nativa	3	7
<i>Plantago major</i> L.	Tansagem	Plantaginaceae	Exótica	3	3
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltl.	Sabugueiro	Adoxaceae	Nativa	3	3
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losma; Losna	Asteraceae	Exótica	3	1
<i>Bromelia antiacantha</i> Bertol.	Gargatá	Bromeliaceae	Nativa	3	1
<i>Adiantum</i> sp.	Avenquinha	Pteridaceae	Indeterminado	3	0
<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	Brassicaceae	Exótica	3	0
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Alfavaca	Lamiaceae	Exótica	3	0
<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott ex Endl.	Banana do brejo; Cipó imbé	Araceae	Nativa	3	0
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. F.	Babosa	Asphodelaceae	Exótica	2	2
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Guaçatonga	Salicaceae	Nativa	2	2
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Guaco	Asteraceae	Nativa	2	2
<i>Rosa</i> sp.	Rosa branca	Rosaceae	Indeterminado	2	2
<i>Plantago australis</i> Lam.	Tansagem	Plantaginaceae	Nativa	2	1
<i>Zea mays</i> L.	Milho	Poaceae	Exótica	2	1
<i>Drimys brasiliensis</i> Miers	Casca d' anta	Winteraceae	Nativa	2	0
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd	Boldo	Lamiaceae	Exótica	2	0

<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.	Arnica	Asteraceae	Nativa	2	0
<i>Rubus sellowii</i> Cham. & Schldtl.	Amora	Rosaceae	Nativa	2	0
<i>Salvia officinalis</i> L.	Sálvia	Lamiaceae	Exótica	2	0
<i>Strychnos brasiliensis</i> (Spreng.) Mart.	Salta martim	Loganiaceae	Nativa	2	0
<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A. Gray	Insulina	Asteraceae	Exótica	2	0
<i>Maytenus officinalis</i> Mabb.	Espinheira santa	Celastraceae	Nativa	1	6
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Alliaceae	Exótica	1	1
<i>Aloe arborescens</i> Mill.	Babosa	Asphodelaceae	Exótica	1	1
<i>Bauhinia forficata</i> Link	Pata de vaca	Fabaceae	Nativa	1	1
<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão	Zingiberaceae	Exótica	1	1
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsinha	Apiaceae	Exótica	1	1
<i>Abrus precatorius</i> L.	Jequeri	Fabaceae	Nativa	1	0
<i>Achillea millefolium</i> L.	Novalgina	Asteraceae	Exótica	1	0
<i>Aloe ferox</i> Mill.	Babosa	Asphodelaceae	Exótica	1	0
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Cataflam	Amaranthaceae	Nativa	1	0
<i>Artocarpus sp.</i>	Jaca	Moraceae	Indeterminado	1	0
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	Feijão guandu	Fabaceae	Exótica	1	0
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	Caricaceae	Exótica	1	0
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E. Jarvis	Insulina	Vitaceae	Nativa	1	0
<i>Cnicus benedictus</i> L.	Cardo santo	Asteraceae	Exótica	1	0
<i>Corymbia citriodora</i> (Hook.) K.D. Hill & L.A.S. Johnson	Eucalipto	Myrtaceae	Exótica	1	0
<i>Datura stramonium</i> L.	Maxixe	Solanaceae	Exótica	1	0
<i>Eugenia sp.</i>	Pitanga preta	Myrtaceae	Nativa	1	0
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Myrtaceae	Nativa	1	0

<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Pau sobre pau	Euphorbiaceae	Exótica	1	0
<i>Galinsoga parviflora</i> Cav.	Picão branco	Asteraceae	Exótica	1	0
<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos	Ipê amarelo	Bignoniaceae	Nativa	1	0
<i>Jatropha curcas</i> L.	Pinhaozinho baiano	Euphorbiaceae	Exótica	1	0
<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Fortuna	Crassulaceae	Exótica	1	0
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	Cordão de frade	Lamiaceae	Exótica	1	0
<i>Momordica charantia</i> L.	Melão de São Caetano	Cucurbitaceae	Exótica	1	0
<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer	Sassafrás	Lauraceae	Nativa	1	0
<i>Origanum vulgare</i> L.	Manjerona	Lamiaceae	Exótica	1	0
<i>Passiflora alata</i> Curtis	Maracujá	Passifloraceae	Nativa	1	0
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	Passifloraceae	Nativa	1	0
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	Phytolaccaceae	Nativa	1	0
<i>Prunus domestica</i> L.	Ameixa	Rosaceae	Exótica	1	0
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	Cucurbitaceae	Exótica	1	0
<i>Senna spectabilis</i> var. <i>excelsa</i> (Schrad.) H.S. Irwin & Barneby	Sene	Fabaceae	Nativa	1	0
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Arnica	Asteraceae	Nativa	1	0
<i>Sonchus oleraceus</i> L.	Serralha	Asteraceae	Exótica	1	0
<i>Symphytum officinale</i> L.	Confrei	Boraginaceae	Exótica	1	0
<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Cravo	Myrtaceae	Exótica	1	0
<i>Tagetes</i> sp.	Cravo de defunto	Asteraceae	Indeterm inado	1	0
<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Palma	Asteraceae	Exótica	1	0
<i>Tropaeolum majus</i> L.	Chaguinha	Tropaeolaceae	Exótica	1	0
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	Phyllanthaceae	Nativa	0	4
<i>Cecropia glaziovii</i> Snethl.	Embaúba	Urticaceae	Nativa	0	3

<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	Myrtaceae	Nativa	0	3
<i>Erythrina falcata</i> Benth.	Moxoco	Fabaceae	Nativa	0	2
<i>Hyptis atrorubens</i> Poit.	Erva cidreira	Lamiaceae	Nativa	0	2
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	Solanaceae	Nativa	0	2
<i>Baccharis uncinella</i> DC.	Carqueja	Asteraceae	Nativa	0	1
<i>Bambusa</i> sp.	Bambu	Poaceae	Indeterminado	0	1
<i>Carapichea ipecacuanha</i> (Brot.) L. Andersson	Poaia	Rubiaceae	Nativa	0	1
<i>Cedrela odorata</i> L.	Cedro vermelho	Meliaceae	Nativa	0	1
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	Fabaceae	Nativa	0	1
<i>Jacaratia spinosa</i> (Aubl.) A. DC.	Jacatia	Caricaceae	Nativa	0	1
<i>Maytenus truncata</i> (Nees) Reissek	Espinheira santa	Celastraceae	Nativa	0	1
<i>Mikania cordifolia</i> (L.f.) Willd.	Cipó cabeludo	Asteraceae	Nativa	0	1
<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	Agrião	Brassicaceae	Exótica	0	1
<i>Piper umbellatum</i> L.	Capeva	Piperaceae	Nativa	0	1
<i>Solanum</i> sp.	Berinjela	Solanaceae	Indeterminado	0	1
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	Fabaceae	Nativa	0	1
<i>Taraxacum officinale</i> F.H. Wigg.	Dente de leão	Asteraceae	Exótica	0	1
<i>Urtica dioica</i> L.	Urtiga	Urticaceae	Exótica	0	1
Indeterminado	Cipó São Domingos; Cipó Sumo; Cipó prata; Cipó para tudo	Indeterminado	Indeterminado	1	1
Indeterminado	Sorda	Indeterminado	Indeterminado	1	0
Indeterminado	Cipó cravo	Indeterminado	Indeterminado	1	0
Indeterminado	Niqui	Indeterminado	Indeterminado	1	0
Indeterminado	Óleo pardo	Indeterminado	Indeterminado	1	0
Indeterminado	Pereira	Indeterminado	Indeterminado	1	0

Indeterminado	Santa Inácia	Indeterminado	Indeterminado	1	0
Indeterminado	Mão santa	Indeterminado	Indeterminado	1	0
Indeterminado	Quassia	Indeterminado	Indeterminado	0	1
Indeterminado	Chico pires	Indeterminado	Indeterminado	0	1
Indeterminado	Picová	Indeterminado	Indeterminado	0	1
Indeterminado	Juá bravo	Indeterminado	Indeterminado	0	1
Indeterminado	Macela rasteira; Macelinha	Indeterminado	Indeterminado	0	1

As espécies exóticas prevaleceram no levantamento com 53 plantas citadas, enquanto as nativas contaram com 52 citações e 20 não foram identificadas quanto à origem.

Siviero *et al.*, (2012) observou em seu trabalho as plantas medicinais nativas sendo bastante usadas, porém o número de espécies exóticas foi maior com 66%. De outro modo na região de Alto Paraíso/GO a comunidade pesquisada por Souza & Felfili (2006) as espécies nativas predominaram com 69%.

Alguns moradores compartilharam a lembrança de muitos anos atrás existirem muito mais plantas medicinais e ressaltaram que algumas já desapareceram e outras estão desaparecendo devido às roçadas nas pastagens e pelos frequentes desmatamentos.

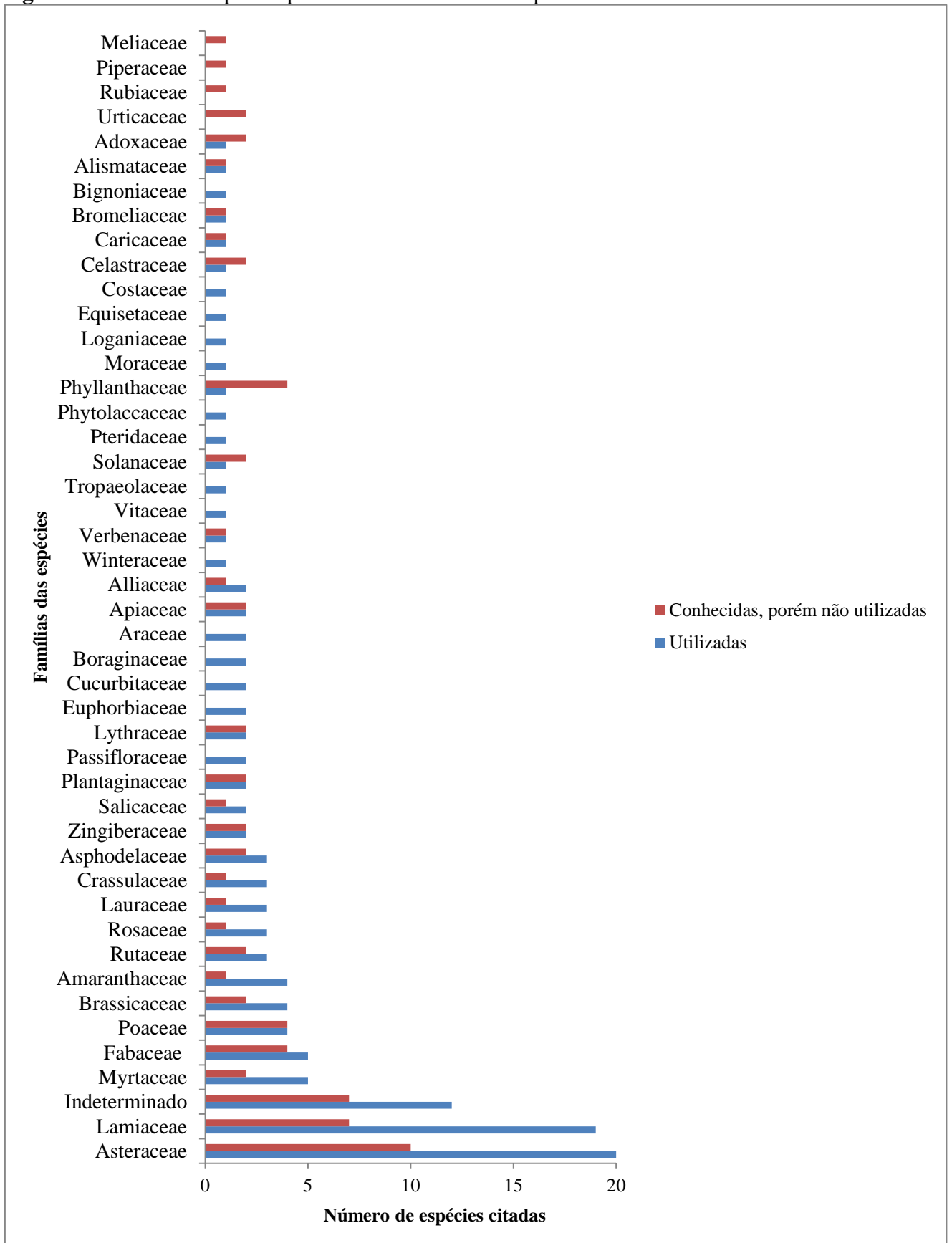
Apesar da população rural no passado ter causado grandes transformações no ambiente com as atividades agrícolas, ao mesmo tempo estas pessoas detém uma relação direta com os elementos naturais, desenvolvendo um conhecimento local sobre a biodiversidade (Gandolfo & Hanazaki, 2011)

Tabela 4. Usos combinados citados pela população rural do município de Inconfidentes

Nome científico	Nome popular	Família	Exótica/ Nativa	Utilizada	Conhecida
<i>Citrus sp./Mentha sp./Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Limão/Levante/Erva cidreira	Rutaceae/Lamiaceae/Poaceae	E/E/E	1	0
Indeterminado/ <i>Abrus precatorius</i> L.	Cipó São Domingos; Cipó Sumo; Cipó prata; Cipó para tudo/Jequeri	Indeterminado/Fabaceae	X/N	1	0
Indeterminado/Indeterminado	Óleo pardo/Pereira	Indeterminado/Indeterminado	X/X	1	0
<i>Mentha sp./Allium sativum</i> L.	Hortelã/Alho	Lamiaceae/Alliaceae	E/E	1	0
<i>Mentha sp./Bidens pilosa</i> L./ <i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Hortelã/Picão/Santa maria	Lamiaceae/Asteraceae/Amaranthaceae	E/N/N	2	0
<i>Mentha sp./Brassica oleracea</i> L.	Hortelã/Couve	Lamiaceae/Brassicaceae	E/E	1	0
<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott ex Endl./ <i>Persea americana</i> Mill./ <i>Solidago chilensis</i> Meyen/ <i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Cipó imbé/Abacate/Arnica/Guaçatonga	Araceae/Lauraceae/Asteraceae/Salicaceae	N/E/N/N	1	0
<i>Rosmarinus officinalis</i> L./ <i>Mentha sp./Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Alecrim/Hortelã/Erva cidreira de capim	Lamiaceae/Lamiaceae/Poaceae	E/E/E	1	0
<i>Sedum dendroideum</i> Moc./ <i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm.	Balsamo/Mentruz	Crassulaceae/Brassicaceae	E/N	1	0
Indeterminado/ <i>Phyllanthus niruri</i> L.	Cipó São Domingos; Cipó Sumo; Cipó prata; Cipó para tudo/Quebra pedra	Indeterminado/Phyllanthaceae	X/N	0	1
<i>Mikania glomerata</i> Spreng./ <i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Guaco/Sabugueiro	Asteraceae/Adoxaceae	N/N	0	1
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb./ <i>Zea mays</i> L.	Quebra pedra/Cabelo de Milho	Phyllanthaceae/Poaceae	N/E	0	1

X= indeterminado

Figura 8. Número de espécies por família botânica correspondentes ao levantamento



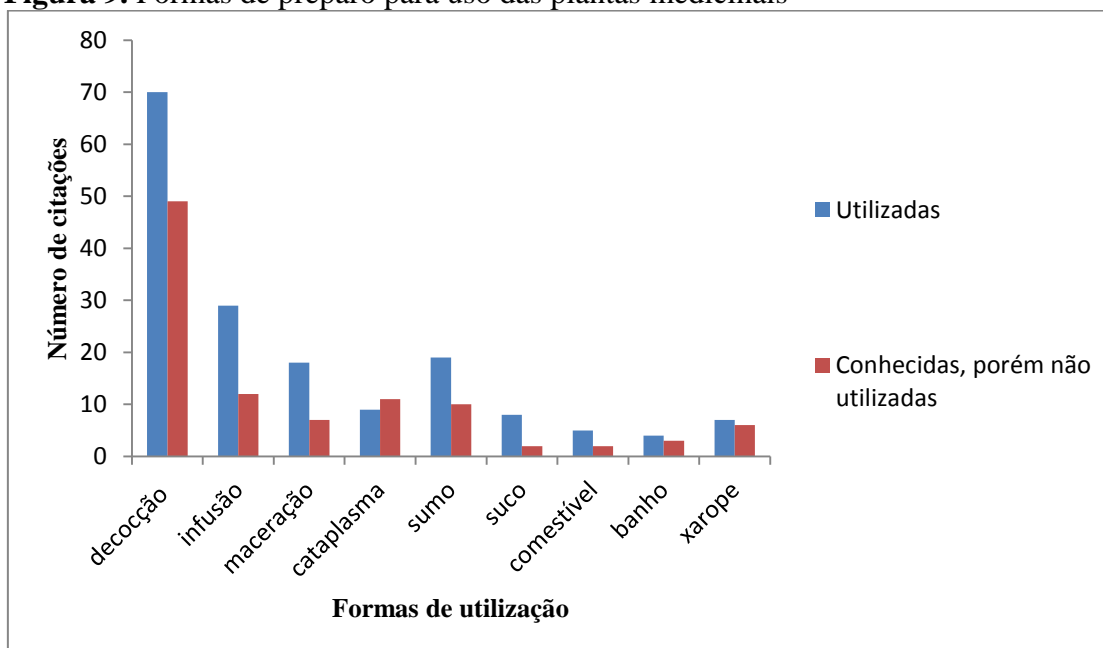
Entre as partes das plantas, as folhas e sementes são as mais utilizadas no preparo das receitas da medicina popular. Grando *et al.* (2003); Pereira *et al.* (2004) em ecossistema de mata atlântica, também observaram o emprego acentuado das folhas no preparo dos remédios caseiros.

Gonçalves & Martins (1998) comentam que nas folhas da maioria das espécies vegetais é onde se concentra a maior parte dos princípios ativos. De acordo com Silva *et al* (2010b) o uso proeminente de folhas se deve à facilidade de coleta e um caráter de conservação do recurso vegetal, caso a retirada não seja excessiva, retirando partes que possam ser repostas sem causar maiores danos à planta.

As formas de preparo, em sua maioria (figura 9), é através de chá por decocção, seguida por infusão, variando de acordo com as espécies e os objetivos do tratamento, em geral preparados pelos próprios usuários.

Tuler (2011) afirma que a decocção e infusão estão entre as formas de preparo mais comuns em todo o mundo e em seu levantamento na comunidade rural de São José da Figueira no município de Durandé/MG evidenciou que as principais formas de preparação dos medicamentos populares são também por meio da decocção e infusão.

Figura 9. Formas de preparo para uso das plantas medicinais



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do vasto conhecimento apresentado neste trabalho sobre o conhecimento e utilização das plantas medicinais pela população rural de Inconfidentes, a etnobotânica deve ser considerada como um campo de interação de saberes e práticas que valoriza os recursos culturais, práticas e saberes locais, a preservação das riquezas naturais e da biodiversidade.

Para que todos estes valores sejam preservados e ocorrer um retorno do conhecimento a comunidade é necessário uma interação entre os setores: público (gestão municipal), científico (saber técnico científico) e social (comunidade), de forma que todos trabalhem para um bem comum, buscando o uso consciente da fitoterapia a fim de preservar as espécies e estes conhecimentos para as futuras gerações.

O setor público, no caso a prefeitura do município, pode contribuir com o apoio de seus espaços e disponibilizando seus profissionais do programa saúde da família a incentivar o uso de maneira correta pela população, proporcionando segurança e economia para os usuários.

É importante que estes profissionais da saúde obtenham o apoio do setor científico no caso, o IFSULDEMINAS – Câmpus Inconfidentes, esta intuição com seu corpo docente altamente qualificado tem o potencial de implementar cursos e programas de treinamento, para transmitir as informações de maneira técnica.

Uma das formas de promover a socialização da pesquisa científica é aproximar a participação da comunidade junto aos profissionais de saúde e acadêmicos, já que 90% dos participantes gostariam de obter mais conhecimento a respeito do assunto.

O desafio encontra-se em promover um espaço de discussão (rodas de plantas medicinais) dos conhecimentos tradicionais e científicos sobre as plantas medicinais, proporcionando sua integração articulada, bem como verificar as potencialidades e limitações sobre determinadas espécies medicinais em questão.

Com a implementação de uma farmácia viva na instituição como forma de reconhecimento das espécies, preservação de plantas matrizes e orientação a população, esta possibilitará o desenvolvimento de pesquisas agronômicas das espécies selecionadas a fim de atender a esta proposta e outros municípios da região que venham a demonstrar interesse pelo tema.

Cabe lembrar que esta atividade deve estar respaldada pela Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, criada pelo decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006 que apoia centros e grupos de pesquisa para a proteção do saber popular.

Saber respeitar, conhecer e estudar o conhecimento destas comunidades é essencial para que no futuro importantes espécies não sejam ameaçadas e a sabedoria seja mantida para as futuras gerações.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILANCIA SANITÁRIA. Formulário de Fitoterápicos Farmacopéia Brasileira, Brasília. 2011. 126p. Disponível em <http://www.anvisa.gov.br/hotsite/farmacopeiabrasileira/conteudo/Formulario_de_Fitoterapicos_da_Farmacopeia_Brasileira.pdf> Acesso em 11/09/2013.

ALBERTASSE, P. D, THOMAZ, L.D, ANDRADE, M. A. Plantas medicinais e seus usos na comunidade da Barra do Jucu, vila Velha – ES. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, Botucatu, v.12, n. 3, p. 250-260. 2010.

ALBUQUERQUE, U. P. de. La importancia de los estudios etnobiológicos para establecimiento de estrategias de manejo y conservación en las florestas tropicales. Revista Biotemas, v. 12 (1): 31 – 47, 1998.

_____. Introdução a Etnobotânica. 2ª ed. Rio de Janeiro. Interciência, 2005. 93 p.

ALBUQUERQUE, U.P de; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. Revista Brasileira de Farmacognosia, v.16 (Supl.): 678-689, 2006.

ALVES, G. S. P; POVH, J.A. Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Santa Rita, Ituiutaba – MG. Revista Biotemas, v. 26 (3): 231-242, 2013.

AMARO, H. T. R; RODRIGUES, B. R. A; OLIVEIRA, M. B. de; ANDRADE, J. A. S. RESENDE, M. A. V de; CUNHA, L. de M. V. da. Produção orgânica de plantas medicinais no semiárido norte mineiro. Cadernos de Agroecologia, v.06, n.02, 2011.

AMOROZO, M.C.M. Agricultura tradicional, espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, U.P. (Org.). Atualidades em etnobiologia e etnoecologia. Recife: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2002. p.123-31.

BADKE, M. R. Conhecimento popular sobre o uso de plantas medicinais e o cuidado de enfermagem. 2008. 96 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Maria.

BAPTISTEL, A.C; COUTINHO, J.M.C.P;; LINS NETO, E.M.F; MONTEIRO, J.M. Plantas medicinais utilizadas na Comunidade Santo Antônio, Currais, Sul do Piauí: um enfoque etnobotânico. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, Campinas, v.16, n. 2, supl. I, p. 406-425. 2014.

BRAGA, C. de M. Histórico da utilização de plantas medicinais. 2011. 24 p. Monografia (Consortio Setentrional de Educação a Distância) – Universidade de Brasília e Universidade Estadual de Goiás.

BRANDÃO, M. G. L; ZANETTI, N.N.S; OLIVEIRA, G. R. SILVA, A. K. S; GOULART, L. O; OLIVEIRA, M. A, GRAEL, C. F. F; SANTOS, A. C. P. Plantas medicinais da estrada real. Revista MG Biota, Belo Horizonte, v.1, n.4, 2008.

BRANDÃO, M. G. L; PIGNAL, M; ROMANIUC, S; GRAEL, C. F. F; FAGG, C. W. *Useful Brazilian plants listed in the field books of the French naturalist Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853)*. *Journal of Ethnopharmacology*. 143, 488-500, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acesso em 20/09/2013.

_____. Ministério do Meio Ambiente. Lei nº 11.428, de 22 de dezembro de 2006. Regulamenta a utilização e proteção da vegetação nativa do bioma Mata Atlântica. Decreto no 6.660, de 21 de novembro de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11428.htm#art13>. Acesso em: 16/08/2014.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS. Brasília, 2006a.92 p. Disponível em <<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>> Acesso em 13/09/2013.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Brasília, 2006b. 60 p. Disponível em <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_fitoterapicos.pdf> Acesso em 13/09/2013.

_____. Portaria interministerial nº 2.960, de 9/12/2008. Aprova o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e cria o Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Seção 1, n. 240. D.O.U. 10/12/2008. Disponível em <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/pri2960_09_12_2008.html> Acesso em 14/09/2013.

BRITO, M. R. de; VALLE, L de S. Plantas medicinais utilizadas na comunidade caiçara da praia do Sono, Paraty, RJ. Revista Acta Botanica Brasilica, v. 25, n. 02, p.363-372, 2011.

CAMBRUZZI, C. O papel da mulher agricultora familiar na preservação da paisagem rural. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos). Florianópolis. 2013.

CANDIDO, V. A. Sistema agroflorestal para recomposição de reserva legal em propriedades de agricultores familiares. 2013. 59 p. Monografia (Tecnologia em Gestão Ambiental) Instituto Federal do Sul de Minas Gerais – Câmpus Inconfidentes.

CARVALHO, A. C. B; NUNES, D de S. G; BARATELLI, T de G; SHUQUAIR, N. S. M. S. A. Q; NETTO, E. M. Aspectos da legislação no controle dos medicamentos fitoterápicos. Revista T&C Amazônia, Ano V, n. 11, jun. 2007.

COSTA, M. dos A. G. Aspectos etnobotânicos do trabalho com plantas medicinais realizado por curandeiros no município de Iporanga – SP. 2002. 131 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia/Horticultura) – Universidade Estadual Paulista.

COSTA, V. P.; MAYWORM, M.A.S. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade do bairro dos Tenentes – município de Extrema – MG. Revista Brasileira de Plantas Medicinai, Botucatu, v.13, n. 3, supl. I, p. 282-292. 2011.

DATAPLAMT. Desenvolvido pela Universidade Federal de Minas Gerais. Apresenta um banco de dados e amostras de plantas aromáticas, medicinais e tóxicas. Disponível em: <<http://www.dataplamt.org.br/bd.php>> Acesso em 21/09/13.

ELDIN, S; DUNFORD, A. Fitoterapia na atenção primária a saúde. ed. brasileira. São Paulo. Manole, 2001. 163p.

FEIJÓ, E. V. R. S; PEREIRA, A. S; SOUZA, L. R; SILVA, L. A. M; COSTA, L. C. B. Levantamento preliminar sobre plantas medicinais utilizadas no bairro Salobrinho no município de Ilhéus – BA. Revista Brasileira de Plantas Medicinai, Campinas, v.15, n. 4, p. 595-604. 2013.

FIRMO, W. da C. A; MENEZES, V. de J. M de; PASSOS, C. E de C; DIAS, C. N; ALVES, L. P. L; NETO, M. S; OLEA, R. S. G. Contexto histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais. Caderno Pesquisa São Luís, v. 18, n. especial, dez, 2011.

FOGLIO, M. A; QUEIROGA, C. L; SOUSA, I.M de OLIVEIRA, RODRIGUES, R. A. F. Plantas medicinais como fonte de recursos terapêuticos: Um modelo multidisciplinar: Construindo a história dos produtos naturais. Revista MultiCiência. v. 07, out. 2006.

FRANCO, F. L. FERREIRA, A. P. do N. L. FERREIRA, M. L. Etnobotânica: Aspectos históricos e aplicativos desta ciência. Caderno de Cultura e Ciência, v.10, n.2, dez. 2011.

GANDOLFO, E. S; HANAZAKI, N. Etnobotânica e utilização de plantas de restinga pela comunidade nativa do distrito do Campeche (Florianópolis, SC). Revista Acta Botanica Brasilica, v. 25 (1): 168-177. 2011.

GANEM, R.S. Conservação da biodiversidade: legislação e políticas públicas. Série Memória e Análise de Leis. Brasília, Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 437p. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/>> Acesso em 21/09/2013.

GIRALDI, M; HANAZAKI, N. Uso e conhecimentos tradicional de plantas medicinais no sertão do ribeirão, Florianópolis, SC. Revista Acta Botanica Brasilica, v. 24, n. 02, p.395-406, 2010.

GONÇALVES, M. I. A.; MARTINS, D. T. O. Plantas medicinais usadas pela população do município de Santo Antônio de Leverger/MT. Rev. Bras. Farm., Rio de Janeiro, v. 79, n. 3/4. p. 56-61. 1998.

GRANDO, C; GADOTTI, M. R; ZENI, A.L. B (2003). Estudo etnobotânico de plantas utilizadas com fins terapêuticos no entorno do Parque das Nascentes – Guabiruba, SC. Simpósio de Etnobiologia e Etnoecologia da Região Sul: Aspectos Humanos da Biodiversidade, Florianópolis.

HAMMER Ø., HARPER, D.A.T., RYAN P.D. 2001. PAST: Paleontological Statistics software package for education and data analysis. Palaeontologia Electronica 4(1): 9pp.

HANAZAKI, N. Comunidades, conservação e manejo: o papel do conhecimento ecológico local. Revista Biotemas, v. 16 (1): 23 – 47, 2002.

_____. Etnobotânica e conservação: manejar processos naturais ou manejar interesses opostos? In: MARIATH, J.E.A; SANTOS, R.P. (Org.). Os avanços da Botânica no início do século XXI: morfologia, fisiologia, taxonomia, ecologia e genética. Conferências Plenárias e Simpósios do 57º Congresso Nacional de Botânica. Porto Alegre, Sociedade Botânica do Brasil. 2006.

HERBÁRIO VIRTUAL AUGUSTE DE SAINT HILAIRE. História. Disponível em: <<http://hvsh.cria.org.br/history>> Acesso em: 01/06/2014.

INTERNATIONAL SOCIETY OF ETHNOBIOLOGY. CodeofEthics. 08/11/2006. Disponível em: <<http://ethnobiology.net/code-of-ethics>> Acesso em 04/11/2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Dados do censo 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=313060>> Acesso em 24/09/2013.

_____. Cartas topográficas do mapeamento sistemático: Ouro Fino e Borda da Mata, escala 1:50.000, Projeção Universal Transversa de Mercator, M.C: 45° W. Gr., Sistema Geodésico Córrego Alegre (COA) 2014. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 07/10/2014.

JUNIOR, A. A. A.; SILVA, A. F.; FONSECA, M. C. M. Conhecimento tradicional do uso medicinal das plantas. Revista Informe Agropecuário, Belo Horizonte, v.31, n. 255, p.20-26, 2010.

KOVALSKI, M.L; OBARA, A.T. Estudo da etnobotânica das plantas medicinais na escola. Revista Ciência & Educação, Bauru, v. 19, n.4, p. 911-927, 2013.

LEITE, J. P. V; FERNANDES, J. M; FÁVARO, L. B; GONTIJO, D. C; MAROTTA, C. P. B; SIQUEIRA, L. C; MAIA, R.T; GARCIA, F. C. P. Plantas medicinais no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro. Revista MG Biota, Belo Horizonte, v.1, n.4, 2008.

LIPORACCI, H. S. N; SIMÃO, D.G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais nos quintais do bairro Novo Horizonte, Ituiutaba – MG. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, Campinas, v.15, n. 4, p. 529-540. 2013.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. de A. Plantas Medicinais no Brasil: Nativas e Exóticas. 2ª ed. Nova Odessa. Instituto Plantarum, 2008. 576 p.

MACIEL, M. A. M.; PINTO, A. C.; VEIGA, V. F. Jr. Plantas Medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. Revista Química Nova, v. 25, n. 03, p. 429-438, 2002.

MARONI, B. C; DI STASI, C; MACHADO, S. R. Plantas Medicinais do Cerrado de Botucatu. Botucatu. Editora UNESP, 2006. 200p.

MARTIUS, C.F.P. Systema materiae medicaevegetabilisbrasiliensis. Lipsiae. 1843.

MONTEIRO, M. J. S. Conhecimento e uso de plantas medicinais nas comunidades de uma unidade de conservação: uma contribuição para a gestão da APA Algodoal – Maiandeuá. 2012. 160 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia - PPGEDAM) Universidade Federal do Pará.

MORAIS, V. M. de. Etnobotânica nos quintais da comunidade de Abderramant em Caraúbas – RN. 2011. 112 p. Tese (Doutorado em Fitotecnia: Área de concentração em Agricultura Tropical) Universidade Federal Rural do Semi – Árido.

MOREIRA, C. das G. C. Levantamento etnobotânico sobre o conhecimento e uso das plantas medicinais e fitoterápicos pela população do bairro centro no município de Luz – MG. 2011. 45 p. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Alto São Francisco – FASF.

NAZARETH, H. R. de S. Curso básico de estatística. In: A população e a escolha da amostra. 8ª ed. São Paulo, Ática, 1996. p.31-32.

OLIVEIRA, E.R; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte - MG. Revista Brasileira Plantas Medicinais, Botucatu, v. 14, n. 02, p.311-320, 2012.

OLIVEIRA, F. C. de; ALBUQUERQUE, U. P. de; FONSECA-KRUEL, V. S.; HANAZAKI, N. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. Revista Acta Botanica Brasilica, v. 23, n. 02, p.590-605, 2009.

OLIVEIRA, F. C. S; BARROS, R. F. M; MOITANETO, J. M. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. . Revista Brasileira Plantas Medicinais, Botucatu, v. 12, n. 03, p.282-301, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. 2008. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-10. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm>> Acesso em: 24/09/2013.

_____. 2002. A importância da Farmacovigilância - Monitorização da Segurança de Medicamentos. Disponível em <<http://apps.who.int/medicinedocs/en/d/Js4893e/>> Acesso em 21/09/2014.

PATZLAFF, R. G.; PEIXOTO, A. L. A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo. Revista História, Ciências, Saúde, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 16, n. 01, p.237-246, 2009.

PEREIRA, R.C, OLIVEIRA, M.T.R, LEMOS, G.C.S. Plantas utilizadas como medicinais no município de Campo de Goytacazes – RJ. Revista Brasileira de Farmacognosia 14 (supl. 1):37-40. 2004.

PILLA, M. A. C.; AMOROZO, M. C de M.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco. Mogi Mirim. Revista Acta Botanica Brasilica, v. 20, n. 04, p.789-802, 2006.

PINHEIRO, C. U.B. Pesquisa, produção e transmissão de conhecimento etnobotânico no Brasil – Para onde estamos indo? In: BARBOSA, L. M; JUNIOR, N. A. dos S. A (Org.). A Botânica no Brasil: pesquisa, ensino e políticas públicas ambientais. Conferências Plenárias e Simpósios do 58º Congresso Nacional de Botânica. São Paulo, Sociedade Botânica do Brasil. 2007. P.569-571.

REIS, M.S; MARIOT, A; STEENBOCK, W. Diversidade e domesticação de plantas medicinais. In: SIMÕES, C.M.O.; SCHENKEL, E.P.; GOSMAN, G.; MELLO, J.C.P.; MENTZ, L.A.; PETROVICK, P.R. (Ed.). Farmacognosia: da planta ao medicamento. 5ªed. Porto Alegre/Florianópolis: Editora da UFRGS/Editora da UFSC, 2003. p.45-74.

REZENDE, H. A. de; COCCO, M. I. M. A utilização da fitoterapia no cotidiano de uma população rural. Revista da Escola de Enfermagem USP, São Paulo, v. 36, n. 03, p. 282-288, 2002.

RODRIGUES, V. E. G; CARVALHO, D. A de. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do cerrado na região do Alto Rio Grande – MG. Revista Ciência e Agrotecnologia UFLA, Lavras, v. 25, n. 01, p. 102-123, 2001.

SÁ JÚNIOR, A. de. Aplicação da classificação de Köppen para o zoneamento climático do estado de Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Engenharia Agrícola) Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG. 2009.

SANTOS, L. C dos. Antônio Moniz de Souza, o ‘Homem da Natureza Brasileira’: ciência e plantas medicinais no início do século XIX. Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, n. 04, p.1025-1038, 2008.

SÁ, I. M. de. Levantamento etnobotânico em Santo Antônio do Rio Grande, sul de minas. (Dissertação (Mestrado em Botânica) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ. 2007.

SÁ, I. M; VALLE, S. Plantas associadas às fornadas de quitandas na comunidade de Santo Antônio do Rio Grande, Sul de Minas Gerais. Arquivos do Museu Nacional Rio de Janeiro, v. 65, n.2, p. 169-176, abr/jun, 2007.

SAINT-HILAIRE A. Plantes usuelles des Brésiliens. Paris: Grimbart Libraire, 1824.

SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE DE MINAS GERAIS. Resolução SES-MG - nº 1885, de 27/05/2009. Aprova a Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares. Disponível em http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Resolucao_SES_MG_1885_de_27_05_2009.pdf> Acesso em 15/09/2013.

_____. Deliberação CIB SUS/MG nº 1.490, de 19/06/2013. Aprova as normas, critérios e condições gerais para concessão de incentivo financeiro para estruturação de Unidade Farmácia e Unidade Farmácia Componente Verde da Rede Farmácia de Minas. Disponível em <<http://crfmg.org.br/comunicacao/EDITAL%20CV%20Del%20.pdf>> Acesso em 15/09/2013.

SILVA, M.A.B.; MELO, L.V.L.; RIBEIRO, R.V.; SOUZA, J.P.M.; LIMA, J.C.S.; MARTINS, D.T.O.; SILVA, R.M. Levantamento etnobotânico de plantas utilizadas como anti-hiperlipidêmicas e anorexígenas pela população de Nova Xavantina-MT, Brasil. Revista Brasileira de Farmacognosia, v. 20, n.4, p.549-562, 2010b.

SILVA, M.D. da, DREVECK, S.; ZENI, A. L. B. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população rural no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí – Indaial. Revista Saúde e Ambiente, v. 10, n. 2, de. 2009.

SILVA, M. P. L. da; GUIMARÃES, O. S; JUNIOR, A. A. A; SILVA, F. da; MARTINS, G. N. Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais em comunidades rurais de Amargosa e Mutuípe – BA. Revista Magistra, Cruz das Almas – BA, v. 22, n. 1, p.08 – 13, jan/mar, 2010a.

SILVA, R. B. L. e. A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá, AP. 2002. 172 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém.

SILVA, S. M. P. da. ; MORAES, I. F. de. Agricultura Familiar e o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos: como a política pública poderá viabilizar esta cadeia produtiva. Revista Tecnologia & Inovação Agropecuária. Dez.2008.

SIVIERO, A; DELUNARDO, T.A.; HAVERROTH, M; OLIVEIRA, L.C; MENDONÇA, A.M.S. Plantas medicinais em quintais urbanos de Rio Branco/AC. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, Botucatu, v. 14, nº 4, p. 598-610, 2012.

SOUZA, C. D. de; FELFILI, J. M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás/GO. Revista Acta Botanica Brasilica, v. 20 (1): p.135-142. 2006.

SOUZA, M. R. M; PEREIRA, R.G.F; FONSECA, M.C.M. Comercialização de plantas medicinais no contexto da cadeia produtiva em Minas Gerais. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, Botucatu, v. 14, nº esp., 242-245, 2012.

THE TAXONOMIC NAME RESOLUTION SERVICE. IPLANT COLLABORATIVE. Versão 3.2. O serviço de resolução de nomes taxonômicos é uma ferramenta online para a normalização automática de nomes de plantas. Disponível em: <<http://tnrs.iplantcollaborative.org>> Acesso em: 24/09/2013.

TULER, A. C. Levantamento etnobotânico na comunidade rural de São José da Figueira, Durandé/MG. 2011. 57 p. Monografia (Bacharel em Ciências Biológicas) Universidade Federal do Espírito Santo.

VENDRUSCOLO, G. S; MENTZ, L. A. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais pelos moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre/RS. Revista Iheringia. Série Botânica, v. 61, n.1-2, p.83-103. Jan/dez. 2006.

ZUCCHI, M.R; OLIVEIRA JÚNIOR, V.F.; GUSSONI, M.A.; SILVA, M.B.; MARQUES, N.E. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de Ipameri – GO. Revista Brasileira Plantas Medicinais, v. 15, n. 02, p.273-279, 2013.

7. ANEXOS

7.1. Imagens

Imagem 1. Alocação dos pontos com GPS



Imagem 2. Morador sendo entrevistado



Imagem 3. Esclarecimento sobre o termo de consentimento livre e esclarecido



Imagem 4. Assinatura de anuência do morador para a pesquisa



Imagem 5. Aplicação do questionário sobre perfil socioeconômico e utilização/conhecimento das plantas medicinais



Imagem 6. Turnês guiadas no entorno das residências dos moradores



Imagem 7. Método de identificação das plantas

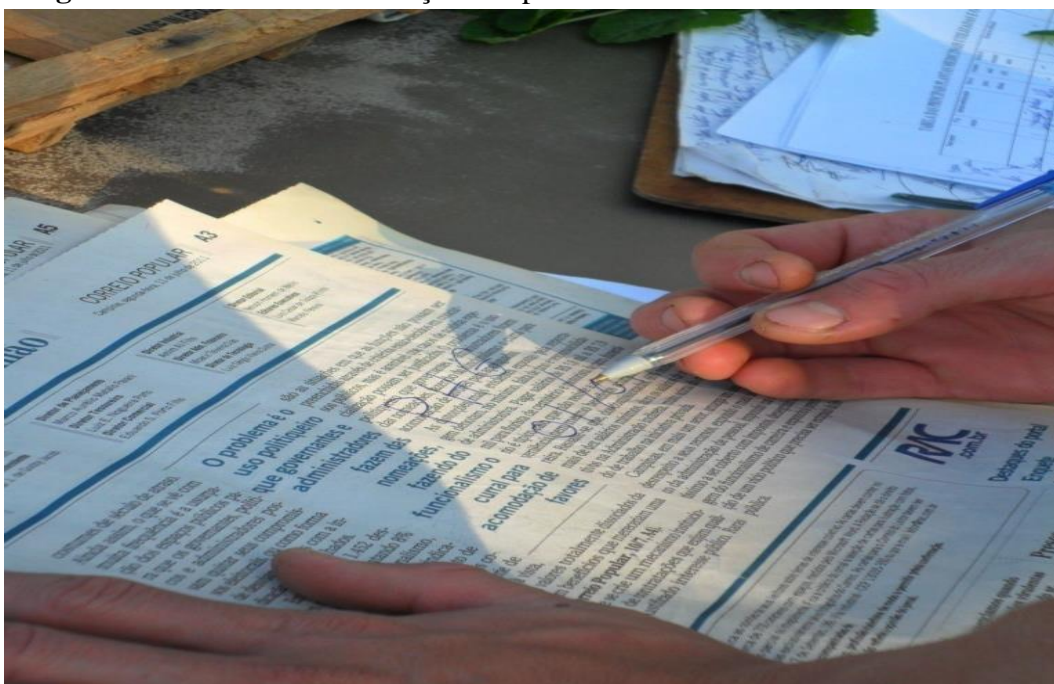


Imagem 8. Espécime sendo herborizado para posterior identificação



Imagem 9. Apoio na identificação através de bibliografia



Imagem 10. Identificação das amostras coletadas em campo



7.2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO RELATIVO AO CONHECIMENTO E UTILIZAÇÃO DAS PLANTAS MEDICINAIS PELA POPULAÇÃO RURAL DO MUNICÍPIO DE INCONFIDENTES – MG

Nome do Pesquisador: Cristiano de Castro Leite

Nome dos Orientadores: Orientadora: Luiza Coutinho Martins

Co orientador: Ângelo Marcos Santos Oliveira

Estamos convidando o senhor (a) para participar da pesquisa que tem como objetivo verificar o conhecimento e utilização das plantas medicinais da população rural do município de Inconfidentes/MG, onde, no total, serão entrevistadas 114 famílias residentes na zona rural do município. As informações pessoais constatadas serão estritamente confidenciais, somente o pesquisador e seus orientadores terão acesso a estes dados. Serão divulgadas apenas as informações sobre o conhecimento e utilização das plantas medicinais em eventos e publicações científicas. O senhor (a) pode recusar a participação neste ou em qualquer outro momento, neste último caso somente entrar em contato com o pesquisador pelo número de telefone (35) 9195 1088, podendo também com este número solicitar informações sobre o andamento da pesquisa. Não haverá nenhum tipo de despesa para participar, bem como não haverá nenhum benefício direto e nada será pago por sua participação. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Entretanto espera-se que esta pesquisa traga informações sobre o conhecimento e uso das plantas medicinais, venha conscientizar sobre a importância da correta identificação destas plantas, e principalmente, colabore com o poder público para uma possível utilização das espécies de interesse no Sistema Único de Saúde (SUS) do município. Os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa Etnobiológica estabelecidos pela Sociedade Internacional de Etnobiologia em seu Código de Ética.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Luiza Coutinho Martins (Orientadora)

Ângelo Marcos Santos Oliveira (Co orientador)
Assinatura dos Orientadores

